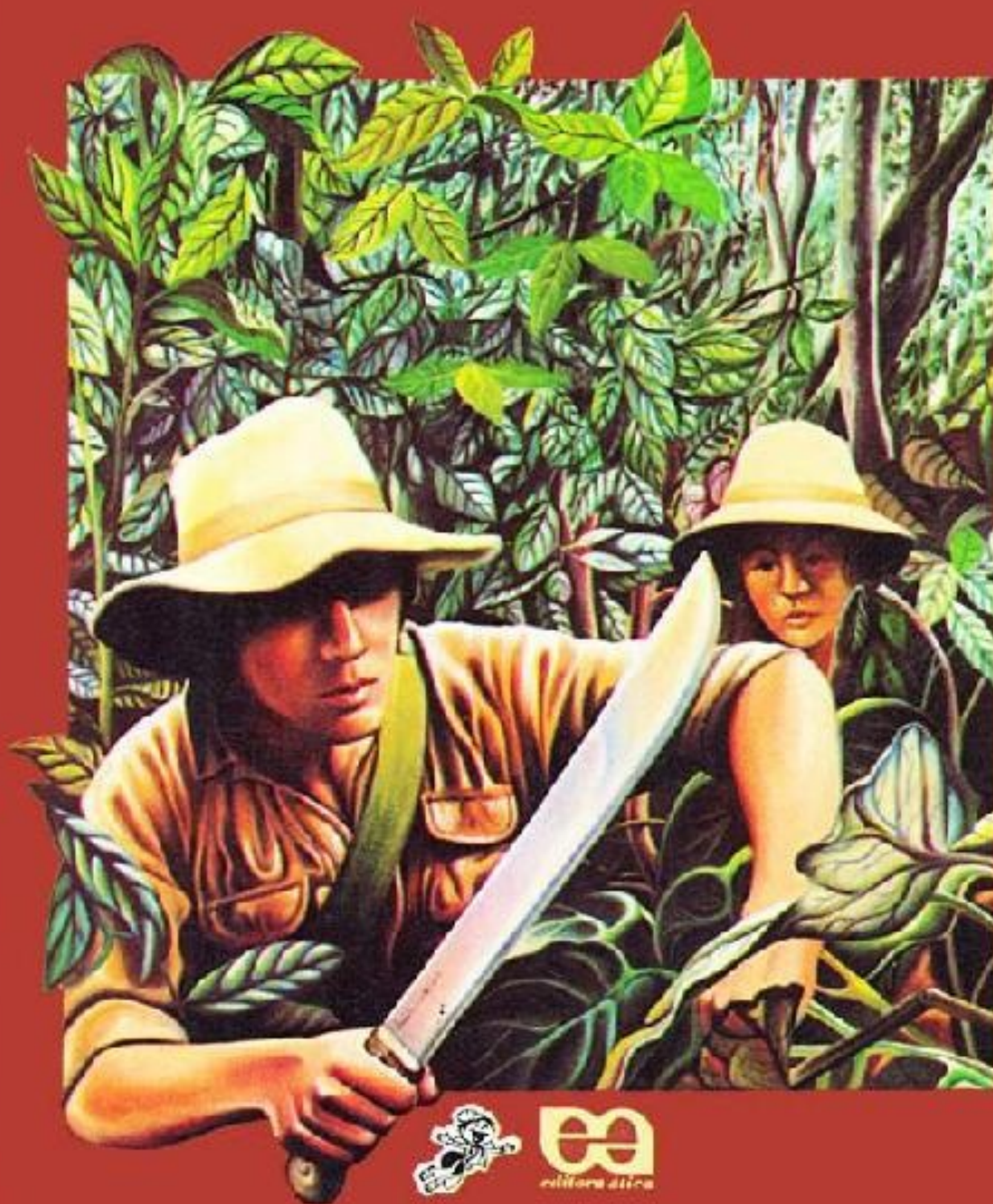


A. FRAGA LIMA

A SERRA DOS DOIS MENINOS





Série Vagalume

A. Fraga Lima

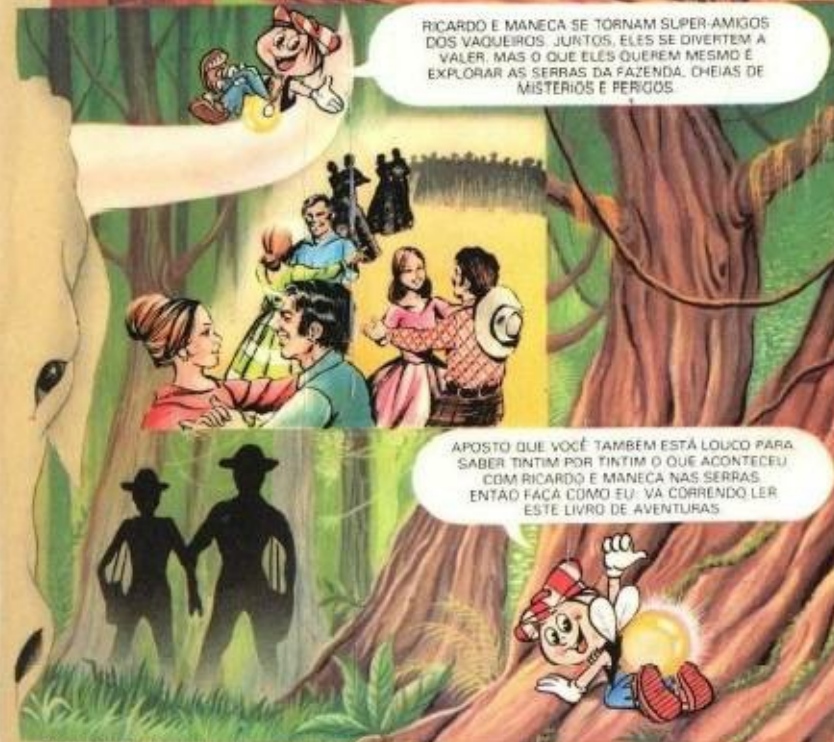
A Serra dos Dois Meninos

Digitalização de Adriana
Formatação de LeYtor





VEJAM QUE BELEZA É A FAZENDA "GRAVATA"! E AÍ QUE RICARDO E MANECA, MENINOS COMO VOCÊ, VÃO VIVER UMA AVENTURA INCRÍVEL. NÃO DÁ NEM PARA IMAGINAR COMO ELA VAI TERMINAR.



RICARDO E MANECA SE TORNAM SUPER-AMIGOS DOS VAQUEIROS. JUNTOS, ELES SE DIVERTEM A VALER, MAS O QUE ELES QUEREM MESMO É EXPLORAR AS SERRAS DA FAZENDA, CHEIAS DE MISTÉRIOS E PERIGOS.

APOSTO QUE VOCÊ TAMBÉM ESTÁ LOUCO PARA SABER TINTIM POR TINTIM O QUE ACONTECEU COM RICARDO E MANECA NAS SERRAS. ENTÃO FAÇA COMO EU: VÁ CORRENDO LER ESTE LIVRO DE AVENTURAS.

Você conhece todos os livros da Série Vaga-lume?

Marque com um X os que você já leu:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> A ilha Perdida | <input type="checkbox"/> O rapto do Garoto de Ouro | <input type="checkbox"/> Bem-vindos ao Rio |
| <input type="checkbox"/> Cabeça das Rocas | <input type="checkbox"/> Aventuras de Xiato | <input type="checkbox"/> Pega ladrão |
| <input type="checkbox"/> Coração de Onça | <input type="checkbox"/> Xiato e o pássaro cósmico | <input type="checkbox"/> Açúcar amargo |
| <input type="checkbox"/> Eramos seis | <input type="checkbox"/> Xiato no espaço | <input type="checkbox"/> O outro lado da ilha |
| <input type="checkbox"/> O caso da horóscopa Atria | <input type="checkbox"/> Tonico e Camiça | <input type="checkbox"/> Enigma na televisão |
| <input type="checkbox"/> O escravidão do diabo | <input type="checkbox"/> A primeira reportagem | <input type="checkbox"/> Os passageiros do futuro |
| <input type="checkbox"/> O gigante de botas | <input type="checkbox"/> Sozinha no mundo | <input type="checkbox"/> Meninos sem pátria |
| <input type="checkbox"/> Meninos de Aço | <input type="checkbox"/> Os pequenos piratas | <input type="checkbox"/> A montanha das duas luas |
| <input type="checkbox"/> Tonico | <input type="checkbox"/> Os barcos de papel | <input type="checkbox"/> O Nêro dos Gaviões |
| <input type="checkbox"/> Spharion | <input type="checkbox"/> Deus me livre! | <input type="checkbox"/> Gama de campo |
| <input type="checkbox"/> A Serra dos Dois Meninos | <input type="checkbox"/> O mistério dos mortos dourados | <input type="checkbox"/> A vida secreta de Jonas |
| <input type="checkbox"/> O mistério do cinco estrelas | <input type="checkbox"/> Dinheiro do céu | <input type="checkbox"/> Aventura no Império do Sol |
| <input type="checkbox"/> Zezinho, o dono da porquinha preta | <input type="checkbox"/> A grande fuga | <input type="checkbox"/> Quem manda já morreu |
| <input type="checkbox"/> Um cadáver ouve rádio | <input type="checkbox"/> Perigos no mar | <input type="checkbox"/> A turma da Rua Quinze |
| <input type="checkbox"/> O feijão e o sorrito | | |

A. Fraga Lima
A SERRA DOS DOIS MENINOS

3.^a edição

Capa e ilustrações: Paulo César Pereira
Suplemento de Trabalho: Maria Aparecida Spirandcili
Capa: “lay-out” de Ary Almeida Normanha
Diagramação: Antônio do Amaral Rocha
Arte final: Rene Etienne Ardanuy e Mara Patrícia Peixas

Aristides Fraga Lima nasceu na cidade de Paripiranga. Estado da Bahia, a 2 de julho de 1923.

Ainda criança, acompanhou a família, que se transferiu para uma chácara, no distrito chamado Saco-Grande; município de Simão Dias (no Estado de Sergipe), cidade vizinha de sua terra natal.

Aí começou o estudo das primeiras letras. Nessa época, aos cinco anos de idade, quando era alfabetizado, disse aos pais uma frase que, no decorrer do tempo, ficou sendo lembrada: “Um dia vou ser escritor”.

Mudando-se a família para outra chácara, em Aracaju, começou aí os estudos secundários, que concluiu no Seminário de Olinda.

A vida de menino da roça fez dele um amante da natureza e um profundo conhecedor dos animais e das coisas do campo. Lá viveu quase como índio, da caça e da pesca, plenamente integrado à natureza.

Lidar com animais, caçar e pescar, fazer armadilhas para pegar passarinhos e outros animais, eram suas ocupações prediletas nos matos e nos rios — o seu mundo de aventuras.

Formou-se em Letras Neolatinas e em Ciências Jurídicas e Sociais, pelas Faculdades de Filosofia e Direito, da Universidade Federal da Bahia.

Dedicou-se ao magistério, como professor de Francês, Inglês, Italiano, Espanhol, Latim e Grego, Sua predileção, porém, é por Português, que ensina como membro do Magistério Estadual da Bahia e do Colégio Militar de Salvador.

*À memória de meus pais Aristides e Caçula,
ex-proprietários da Fazenda Gravatá*

la a meio o mês de dezembro.

A família vivia naquela atmosfera de apreensão que caracteriza o fim do ano, em todas as grandes famílias que vivem nas grandes cidades: o resultado do ano letivo dos filhos, os festejos natalinos, o programa das férias para todos.

Quanto à primeira e à segunda parte não havia preocupação, nem elas constituíam novidade.

A grande surpresa eram as férias. O pai havia comprado uma fazenda, e todos iriam passar o verão lá.

O carro da família era um jipe inglês em que o pai já fora à fazenda várias vezes, levando trastes e coisas para a casa, preparando-a para recebê-los em férias. Na viagem que agora programavam só poderia levar as pessoas da casa e os mantimentos de cozinha; não haveria lugar para mais nada.

Saíram de Salvador às cinco horas da manhã. Nove pessoas e os mantimentos carregavam o jipe: os pais — Domingos e Mariana; o estudante de engenharia, Alfredo; as três moças — de apelido Pepe, Iaiá e Quito; os dois garotos ginasianos — Ricardo e Maneca e Joana, a cozinheira.

Quando o sol despontou no horizonte, já muitos quilômetros de estrada tinham sido percorridos.

Chegaram a Paripiranga pouco mais de dez horas da manhã. Era uma sexta-feira, "dia-de-feira" naquela cidade. Aproveitaram para comprar boa carne de boi no mercado, que levariam para o almoço de sábado seguinte, e para fazer uma boa carne-de-sol.

Almoçaram aí, em casa de Francisco Carvalho, um parente da família, e à tarde, cerca de duas horas, retomaram a estrada.

Paripiranga foi a última cidade do roteiro. Daí em diante, só pequenas povoações encontrariam: Lagoa Branca (antiga Lagoa Preta), Baixão do Carolino e Adustina (antiga Queimadas).



Esta última, Adustina, dista apenas vinte e quatro quilômetros da fazenda.

Já passava das quatro horas da tarde quando o jipe, deixando atrás de si uma nuvem de poeira amarela, cruzou a povoação de Adustina e entrou no último lance de estrada.

Verdadeira estrada de sertão: mais um caminho do que uma rodagem — estreita, cheia de curvas, o mato arranhando a chaparia do jipe de um lado e de outro e batendo na capota de lona, por cima; buracos e “camaleões” de vez em quando, surpresas aqui e ali, que lhes chamavam a atenção, ora pelas freadas repentinas, ora pelos solavancos que os desequilibravam, atirando-os uns contra os outros. Mas tudo era coroado por uma risada geral que bem dizia da satisfação que todos experimentavam.

Pelas cinco horas mais ou menos, o jipe penetrou num desfiladeiro, cujo chão era forrado de pedras, umas soltas, outras fincadas na terra, sobre as quais as rodas do carro pulavam ou

entre elas passavam com dificuldade.

— Que nome tem este lugar, meu pai? — perguntou Pepe, acomodando-se aos balanços do carro.

— O nome é bem inspirado, minha filha: chama-se “Treme-Treme”.

— Bem merecido — falou Dona Mariana. — Estremece até o coração da gente.

— É a única passagem de estrada para transpor as serras — explicou o Senhor Domingos.

— Tem muitas serras aqui, meu pai? — perguntou Maneca.

— Serras, propriamente, só há três, meu filho; muito altas, esquisitas, misteriosas...

Ricardo e Maneca se entreolharam intencionalmente. Em ambos mexeu a ideia de uma aventura.

Saindo do desfiladeiro, alcançaram em poucos minutos a cancela da fazenda.

O Senhor Domingos parou o carro, virou-se para a esposa e depois para os filhos e disse:

— Aqui começam as terras da fazenda; aqui já é o nosso domínio: fazenda “Gravatá”.

Uma explosão de vivas foi a resposta àquelas palavras.

Maneca tocou a mão no ombro de Ricardo e apontou as serras, agora bem visíveis. Ricardo atendeu imediatamente, e ficaram ambos a olhar embevecidos.

A atitude dos dois chamou a atenção dos circunstantes e Alfredo perguntou:

— Que estão vendo?

— Admiramos a altura e a beleza das serras — respondeu Ricardo.

— Vistas daqui não parecem tão altas e tão belas quanto o são, vistas da casa. Vocês verão... — disse o pai.

O carro partiu.

Em dez minutos parou, definitivamente, embaixo de uma cobertura que servia de abrigo, uma “casa-aberta”.

O Senhor Domingos desceu, ajudou Dona Mariana a descer... Já a meninada tinha pulado em terra e se espalhava por toda parte, num serviço de reconhecimento.

Aberta a casa, o casal entrou seguido das moças. Alfredo chamou os irmãos e começaram a tirar do jipe e trazer para dentro de casa tudo que havia no carro. A mãe e Joana se dirigiram para a cozinha.

As moças se encarregaram da arrumação dos quartos de dormir, da sala de jantar, de varrer o chão e espanar os móveis.

— Domingos — falou Dona Mariana — não há água na pia da cozinha.

— Daqui a cinco minutos teremos água em tudo — foi a resposta.

E juntando o ato às palavras, chamou os filhos:

— Venham cá; todos.

Os três o acompanharam.

No fim da “casa-aberta”, para os fundos, num quadrado de cimento de cerca de quatro metros de lado, se elevava do chão o tanque de água, cavado a uma profundidade também de quatro metros.

— Vamos dar na bomba — disse o pai.

E ele próprio começou.

Dali a água era levada para um outro tanque menor, donde se distribuía para a cozinha, o lavatório e o banheiro.

Depois que o pai bateu uns dez minutos, Alfredo o substituiu; Ricardo continuou e por fim Maneca. Nesse rodízio o tanque encheu em pouco tempo.

Dentro de casa os trabalhos de arrumação já acabaram. E na cozinha o jantar cheirava a gostoso.

O cansaço era grande em todos: a viagem de mais de quatrocentos quilômetros, os solavancos do jipe e ainda aqueles trabalhos caseiros, tudo contribuiu para que todos, até os meninos, se sentissem esfalfados.

Um banho de água fresca retemperou o ânimo a todos. E o jantar suculento, cujo prato principal foi o “pirão de carne-verde”, recuperou quase por completo as energias.

Enquanto se serviam, como se participassem de um banquete, o Senhor Domingos falou:

— Depois do jantar, meus filhos, quero ter uma conversa com vocês.

— E sobre quê? — quis saber a mãe.

— Também você e as meninas hão de participar da conversa. É a festa que teremos aqui, de que já lhe falei.

— Que festa? — perguntou Maneca.

O pai olhou-o e sorriu.

— Uma festa que vocês nunca viram — acrescentou, respondendo.

Após o jantar, todos se ergueram. Dirigiram-se para a sala de visitas, de cujo teto pendia um lampião a gás. O pai o acendeu, e todos se sentaram curiosos. Dona Mariana sorria vendo a alegria dos filhos e admirando o prazer que eles tinham de ouvir as palavras do pai. Por fim, o Senhor Domingos sentou-se.

— Meus filhos — começou — é verdadeiramente uma festa que lhes anuncio. É uma festa de muitos dias. A melhor festa que se pode ver numa fazenda: a “ferra” do gado.

— Que é isto, meu pai? — perguntou impaciente Maneca, ignorando completamente o assunto.

— Quando se compra uma fazenda — explicou o pai — um dos primeiros trabalhos, depois de se passar a escritura, é testemunhar que se é dono do gado. Para isto, pegamos todo o gado e marcamos, cabeça por cabeça, com o nosso próprio “ferro”.

— Ainda não entendi — continuou Maneca.

— Aqui está o meu “ferro” — disse o pai, levantando-se.

Foi lá dentro e trouxe algo na mão:

— Olhe aqui.

Todos atentaram para o objeto: uma haste de ferro que tinha em um dos extremos duas letras formadas também de ferro.

— Esquenta-se isto ao fogo — continuou a explicação - e se encosta na pá do animal. Queima superficialmente; forma uma pequena ferida que, quando sara, tem a forma das letras, que ficam indeléveis.

— Chi!... mas deve doer no animal, não, meu pai? perguntou ainda o pequeno.

— Dói um pouco, filho, mas os animais têm couro grosso, não sentem muito, não.

— E a festa? — indagou Ricardo.

— Vocês verão os vaqueiros vestidos em roupas que vocês nunca viram; ouvirão o “aboiado” que é o canto do vaqueiro nordestino; assistirão à luta dos homens com os animais, às corridas de cavalo...

— E um dia dá para tanta coisa? — foi a pergunta de Ricardo.

— Não. Quando o gado é muito, este trabalho leva muitos dias. O gado que comprei — continuou o pai na explicação — não é tanto, mas assim mesmo creio que levaremos uns três dias na luta da “ferra”. Garanto que vocês todos gostarão de ver como é.

— Domingos — ponderou a mãe — os meninos já estão com sono... Ricardo e Maneca já estão quase de olhos fechados...

Os dois despertaram; mas o Senhor Domingos concluiu:

— É verdade, vamos dormir. Amanhã começará a festa.

Recolheram-se todos a seus aposentos.

A família despertou cedo. O mugido do gado nas proximidades, o canto animado dos galos e dos pássaros, especialmente o trilo estridente das nambus — foram os despertadores naturais das pessoas, nos primeiros instantes do raiar do dia.

A FAZENDA “GRAVATÁ”

A vida começou no interior da casa.

Os meninos pularam das camas ansiosos de conhecer a fazenda. O pai os esperava para lhes mostrar as coisas mais gerais, mostrar-lhes os pontos principais que dali mesmo, do alpendre da casa, se avistavam. Apontou-lhos um por um:

— Ali à direita, meus filhos, é a casa do Aurélio. É o vaqueiro auxiliar. Lá em frente está a casa de Nicolau, o vaqueiro principal da fazenda. E lá por detrás, vejam que beleza!...

Os meninos ergueram a vista deslumbrados... e mais uma vez se entreolharam.

O Senhor Domingos convidou os filhos e saíram os quatro ao terreiro. Andaram um pouco, sentindo a brisa fria da manhã a bafejar-lhes o rosto, e recebendo o primeiro calor dos raios do sol que nascia.

— Nesta direção — e apontou o nascente — se estende o maior campo da fazenda: são muitos quilômetros daqui ao fim. Para o lado oposto também é grande a extensão, mas um pouco menor.

— E aquelas serras, meu pai? — perguntou Ricardo.

— Estão dentro da fazenda; são nossas. O limite das terras, para aquele lado, fica além delas. É aqui, meus filhos, que eu quero desenvolver minhas atividades de fazendeiro — criar e plantar. “Quem planta e cria tem alegria”, diz o provérbio. E eu creio na ciência dos provérbios. Meu ideal — continuou — é criar gado de duas espécies: bovino e caprino. Esta terra é acaatingada: é meio sertão. Está dentro da zona chamada “polígono das secas”, isto é, na faixa de terras sujeitas à falta de chuvas. Graças a Deus que aqui temos muito recurso de água, temos água nascente, e baixadas de clima fresco que ameniza o calor da estiagem. É zona boa para criatório de gado vacum e de cabras.

Entre a casa principal, donde tinham saído, e a casa de Nicolau, para onde iam andando a passo lento, se estende a “malhada”, uma espécie de terreiro amplo, nem todo limpo de vegetação: para o leste é ele quase todo coberto de vegetação rasteira, em geral cheia de pequeninos espinhos, que mais serram a pele do que furam, produzindo arranhões às vezes dolorosos.

Já chegavam à casa do vaqueiro quando este saiu do curral ao lado, levando um caldeirão cheio de leite.

— É para os meninos, patrão — disse. E acrescentou:

— Amanhã mande eles cedinho pra cá...

— Sim, Nicolau.

E o caboclo se afastou, levando o leite para a casa do patrão.

— Vocês ouviram o que ele disse? — perguntou o Senhor Domingos aos filhos.

— Sim, mas não entendemos — respondeu Maneca.

— Você não entendeu — ajuntou Alfredo. — Eu entendi...

— Vamos ver então — lançou o pai o desafio — vamos ver quem amanhã se levantará

antes do nascer do sol. Levantem-se e venham “tomar leite no peito da vaca”, como se diz. Leite tirado na hora e bebido ainda quente, do calor natural da vaca; é uma delícia! Bom e útil, nutritivo. Eu não perco. Já tomei hoje; mas tive pena de chamar vocês: deveriam estar muito cansados...

— Amanhã pode chamar-nos a todos — recomendou Maneca, o menor de todos, falando por si e pelos outros.

— Está bem, chamarei — disse sorrindo o Senhor Domingos, acariciando com a mão direita espalmada a cabecinha do filho pequeno.

— Meu pai! — gritou Pepe de lá de casa. — Venham!

— Sim! — respondeu. E voltando-se para os filhos:

— Vamos; é hora do café. Daqui a pouco começam a chegar os vaqueiros convocados para a “pega” do gado. Vamos.

E se dirigiram todos para casa, a tomar a primeira refeição do dia.

Ricardo e Maneca, retardando um pouco os passos, para se distanciarem do pai e de Alfredo, transmitiram-se mutuamente a inspiração que ambos tiveram à vista das serras.

— Qual é a sua ideia, Ricardo?

— Penso que é a mesma sua: vamos subir a serra...

— É a minha ideia.

— Então, silêncio. Ninguém deve saber de nada.

— Certo — concordou o outro.

E apressaram o passo para alcançar os dois que iam na frente. Entraram todos.

No centro da mesa o cuscuz fumegava com aquele cheirinho gostoso de milho ralado. Junto a ele uma grande leiteira donde se desprendia a fumaça do leite quente; uma travessa com fatias de requeijão assado e outra com ovos estrelados completavam o cardápio do café.

Sentaram-se todos.

Pode-se imaginar o apetite devorador das crianças diante daquelas iguarias, naquele ambiente rústico, longe das preocupações e apreensões da cidade. Os adultos não ficaram atrás. E é justificável: a cidade não conhece aquele tipo de cuscuz, nem aquele leite natural, nem aquele requeijão feito em casa. Tudo na cidade é sofisticado e diferente: é civilizado. Mas nem sempre o que é civilizado é o melhor.

— Depois de uma refeição com o potencial deste — recomendou o pai, sorrindo para todos — vamo-nos levantar e andar um pouco; faz bem à digestão.

Tomaram todos uma xícara de café, concluindo a refeição, e se ergueram.

Alguém bateu palmas à porta.

Era um vaqueiro que chegava.

— Bom dia. Senhor João do Cedro. Eu sabia que o senhor seria o primeiro a chegar. Desmonte... — falou o fazendeiro.

O vaqueiro desceu do cavalo:

— Como vai, Seu Domingo? — disse apertando-lhe a mão.

— Bem. Senhor João — respondeu o fazendeiro, abraçando-o.

— Como vai a obrigação?

— Vão todos bem, Senhor João. — E apresentando os meninos: — Estes são meus filhos: Alfredo, Ricardo e Maneca.

O vaqueiro os cumprimentou a todos, apertando a mão de cada um, com a mesma pergunta: “como vai?”

— Dona Mariana não veio, Seu Domingo?

— Veio, sim, Seu João do Cedro. Mariana! — gritou para dentro. — Venha cá, com as meninas!

Mãe e filhas apareceram à porta.

— Como vai, Seu João? — falou de lá Dona Mariana.

— Bem, com a graça de Deus — respondeu o vaqueiro.

E dirigiu-se até à casa, para apertar as mãos à esposa e às filhas do fazendeiro:

— Como vai, Dona Mariana? Meninas, vosmecês como vão?

O Senhor Domingos, que o acompanhara, ouvindo tropel de animais, voltou-se e dirigiu os passos para o terreiro, para receber outros vaqueiros que chegavam: Pedro Damasceno, Zé Dias e Manuel da Boa-Vista. Todos apearam dos cavalos e os cumprimentos e apresentações se repetiram num ambiente de cordialidade e simplicidade que encantava os meninos.

Não tardou a aparecer um outro grupo de vaqueiros, agora mais numeroso: chegaram pela direita da casa, vindos de outras fazendas. Desceram todos de seus cavalos e os amarraram nas estacas da cerca mais próxima da casa. Vieram sorrindo e dizendo piadas uns aos outros, para os cumprimentos aos donos da fazenda. Eram eles: João-da-Pedra, Virgílio. Zé do Caíma, João do Mari, João de Virgílio e o velho Maurício que chefiava o grupo.

No outro lado da “malhada” já Nicolau e tio, Coló, e seu ajudante Aurélio selavam seus cavalos.

Os meninos não diziam uma palavra senão respondendo aos cumprimentos dos vaqueiros a quem o pai os apresentava, cumprindo um dever quase religioso. Estavam boquiabertos ante todo aquele aparato desconhecido.

Enquanto os últimos recém-chegados cumprimentavam o pai e os filhos, os primeiros montavam nos cavalos e aguardavam. Quando todos estavam montados, o velho e experiente Maurício comandou:

— Vamos, pessoal; vamos conversar com Nicolau e distribuir o serviço; o sol está subindo...

Tomaram todos a direção da casa do vaqueiro da fazenda. Uma nuvem de poeira quase os encobriu à vista dos meninos e do pai. Ricardo rompeu o silêncio:

— Que tipos diferentes! Que roupa é essa, meu pai?

— Eu não lhes anunciei que era uma novidade? Depois vocês terão oportunidade de entrar no mato e verificar com os próprios olhos que não há tecido de roupa que resista aos espinhos. Vaqueiro só pode trabalhar aqui encourado, isto é, vestido de calça e paletó, colete, luvas e chapéu — tudo feito de couro...

— Puxa vida!... E aquilo não incomoda não, meu pai? — perguntou Maneca.

— Incomoda um pouco, meu filho, mas eles se acostumam. Vocês vão ver que estes homens são tão bravos, na luta com os animais, quanto os próprios animais. E até os excedem, porque os vencem... Vamos lá, para ver a saída?

— Vamos! — gritaram os três.

Apressaram o passo, porque Nicolau, Coló e Aurélio já montavam também.

— Cumpade Nicolau, — perguntou Maurício — como é que vosmecê quer fazer?

— Cumpade — respondeu o interpelado — vamos dividir nós tudo em grupos de três, não acha?

— Acho bom — respondeu João do Cedro.

E como conhecedor que era da fazenda, acrescentou:

— Seu Maurício, me dê licença.

— Pois não, Seu João. Nós somos os mais velhos, nos entendemo. Pode falar.

— Seu Vrigilo mais o filho e João da Pedra vão pro rio Caraíba; Damasceno, Zé Dias e Manuel da Boa-Vista toma a direção da Lagoa Grande; Seu Nicolau, Seu Coló e Aurélio, gente moça vão pra Serra do Capitão; Zé do Caíma e João do Mari vão pra Serrota; e nós dois, que já tamo mais pra lá do que pra cá, vamo pra Baixa-do-Veado... Tá bom assim?

— Por mim, tá bom — falou o velho Maurício.

— Acho que todo mundo concorda — apoiou Nicolau.

— Tá bom, gente — concluiu Virgílio. — Vamos embora!

E todos deram rédeas a seus cavalos, aos grupos, cada grupo na direção determinada. Despediram-se dos donos da fazenda com um aceno de mão, acompanhados dos votos de sucesso dos moços e seu pai, que ficaram.

Zefinha, a esposa de Nicolau, saiu à porta. O fazendeiro chamou os filhos e lhos apresentou:

— Meus filhos, Zefinha. Aqui vieram pela primeira vez. Vamos passar as férias aqui.

— Que bom, Seu Domingo! Vosmecês desculpe eu não apertar as mão. Tô ocupada lá dentro tratando um carneiro.

— Um carneiro? — perguntou o pai.

— Nhor sim. Nicolau matou pros home almoçar.

— Ótimo! — concluiu o fazendeiro. — Então vai ser banquete!

— Eu quero participar do banquete — disse Maneca.

— Amanhã — acrescentou o pai. — Amanhã nós viremos comer com eles a fatada, o “mininico”, como se diz na cidade. Vocês vão ver que delícia!

— Está certo, está ótimo — conveio Alfredo.

E se despediram da esposa do vaqueiro, embora ela os convidasse insistentemente para entrar.

Voltaram para casa.

Aguardavam-nos as moças com sorrisos e uma porção de perguntas, a que o pai respondeu com os esclarecimentos solicitados.

Apareceu Dona Mariana e convidou as filhas para irem fazer uma visita a Zefinha. Foi-se o grupo feminino e ficaram em casa os homens.

— Meus filhos — falou o Senhor Domingos — hoje é um dia em que nós não devemos sair de casa. A festa, para nós, consiste, em parte, em ver os grupos de vaqueiros chegarem com o gado. É muito animado. Depois, então, de concluído o trabalho, vocês podem passear por aí, caçar, conhecer os matos da fazenda. Demais que vocês ainda devem estar um pouco cansados da viagem, não?

— Um pouco, ainda — respondeu Alfredo.

— Eu não — disse Ricardo.

— Nem eu — concordou Maneca.

Na verdade os dois queriam aproveitar o máximo das surpresas que a vida do campo pode oferecer.

— Um dos prazeres daqui é descansar numa rede sob uma cobertura em aberto, como aí onde está o jipe. Vou armar redes para vocês aqui. Venham! — chamou-os o pai.

Os dois pequenos o acompanharam para o interior da casa e de lá vieram trazendo redes. O pai armou-as na “casa-aberta” e voltou para a sala, onde se sentou com o filho mais velho. Conversaram longamente. O pai dizia dos seus planos de pastagens; o filho buscava em

que aplicar, na fazenda, os seus conhecimentos de engenharia — barragens, estradas, abertura de poços... combinaram muitos planos para o futuro.

Na “casa-aberta” os dois meninos também conversavam. Mas era bem diverso o assunto.

— Ricardo, você já pensou naquelas serras?

— Garanto que você está tendo os mesmos pensamentos que eu, Maneca.

— Olha, rapaz!

E se ergueu, a meio-busto, da rede, mostrando ao outro.

— Deve ser um espetáculo! Que altura! — comentou o outro.

— Já pensou a gente subir ali?

— É... mas faz medo...

— Desde que meu pai me mostrou as serras que eu fiquei doido pra ir lá. Eu acho que é uma maravilha!

— Deve ser, Maneca. Vamos pensar mais no assunto.

— Mas é segredo. Só nós dois!

— Sim. Deixemos passar mais uns dias. Por enquanto vamos descansar que de noite eu quero conversar com os vaqueiros.

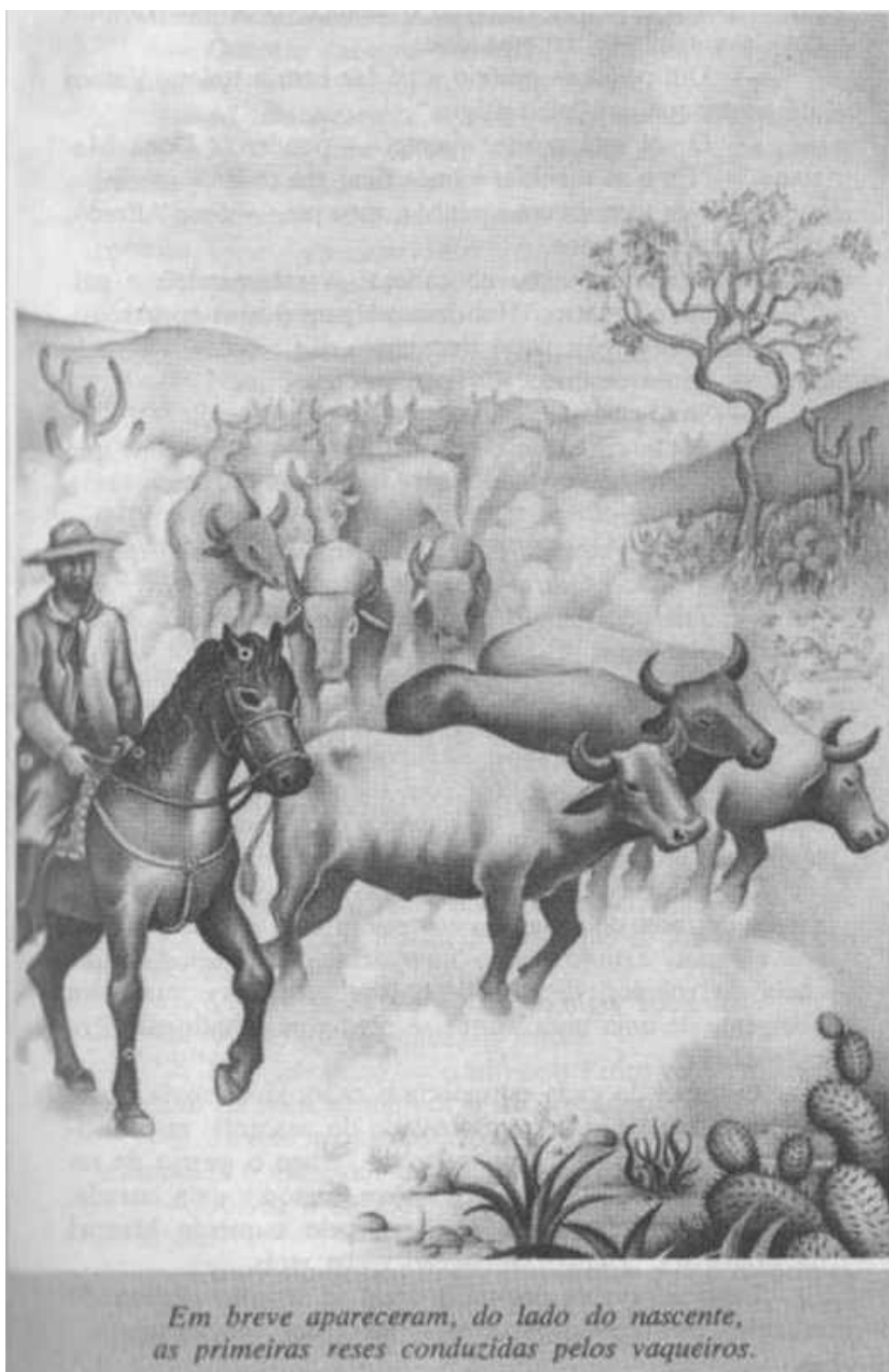
— Eu também. Estou doido pra saber da vida deles nos matos. Dizem que os matos têm muito mistério.

— Dizem; eu também quero saber desses mistérios.

Conversaram ainda um pouco, acabando de assentar os planos, até que, vencidos pelo cansaço e ao embalo da brisa que soprava, adormeceram.

Veio despertá-los a voz carinhosa da mãe que os chamava para o almoço. Mãe e filhas tinham acabado de pôr a mesa.

Foi servido um cálice de vinho a cada um e todos se sentaram em seus lugares. Comeram como era de se esperar.



Após o café que encerrou o almoço, o Senhor Domingos, levantando-se, recomendou:

— Um pequeno passeio a pé faz bem a todos. Vamos até ao tanque, ao “olho-d’água”...

— O sol está muito quente — ponderou Dona Mariana. — Eu e as meninas vamos ficar em casa.

— Nós vamos com o senhor, meu pai — disse Alfredo, por si e pelos irmãos.

— Ponham chapéu na cabeça — recomendou o pai.

Saíram os quatro. Mal deram alguns passos no terreiro, o Senhor Domingos parou, escutando.

— Estão ouvindo? — perguntou.

— Sim, meu pai; ouço — afirmou Alfredo.

— É um “aboiado”, meus filhos; são os homens que já voltam com gado. Não vamos mais sair. Vamos ver a chegada do gado.

A voz do vaqueiro já se ouvia mais distinta. Aproximava-se. Calou. Outra voz mais clara

se fez ouvir. Era outro vaqueiro. Quando este terminou, um terceiro se fez ouvir, prolongado...

Cessaram por instantes.

Daí a pouco os três, em coro, recomeçaram a cantoria.

O Senhor Domingos, estático, não perdia uma nota. Filho do sertão, ele vibrava com tudo que dizia respeito a fazenda, gado, vaqueiro. Os meninos o imitavam, escutando também e procurando entender aquela melodia.

Os vaqueiros entremeavam no canto palavras suas, nomes de reses do rebanho, expressões com que se dirigiam aos animais, e tudo aquilo num arranjo de melodia que, cheia de volteios, de altos e baixos, terminava num som plangente de uma nota só que se perdia nas caatingas. Era o “aboiado”.

O tropel do gado estremecia o chão; já se ouvia perto.

Em breve apareceram, do lado do nascente, as primeiras reses conduzidas pelos vaqueiros. Logo o grosso do rebanho, atropelando-se uns aos outros, tomou toda a estrada. Pelo flanco direito vinha Zé Dias, pelo esquerdo Manuel da Boa-Vista. Pedro Damasceno vinha atrás.

Uma nuvem de poeira amarela se levantou acima do rebanho, escondendo às vezes a figura dos vaqueiros.

Entraram no curral. Zé Dias saltou e fechou a porteira.

— Quantas cabeças vieram? — perguntou o Senhor Domingos.

— Aí tem quarenta e três — respondeu Damasceno.

— Já é alguma coisa. Vamos ver o que os outros trazem.

Os meninos olhavam o gado através dos varões da porteira.

Os vaqueiros apearam todos e puxavam os cavalos pelas rédeas para a frente da casa de Nicolau.

— Vocês não saem mais hoje, não é?

— Não, Seu Domingo. Os cavalos precisa descansar. O trabalho foi grande — disse Manuel da Boa-Vista.

Os outros confirmaram. E todos trataram de tirar os arreios das montarias. Deixando-as com as mantas, enquanto esfriavam um pouco, vieram juntar-se sob o alpendre da casa. Acompanhou-os o Senhor Domingos. Os meninos se acercaram curiosos.

Os vaqueiros tiraram o gibão e exibiam a camisa ensopada de suor. Despiram também os coletes. Sentaram-se depois para tirar as esporas e os rolós. Só então puderam desvencilhar-se das pernas tão incômodas. As calças também estavam molhadas de suor.

— Agora nós tamo parecendo gente, não? — perguntou Pedro Damasceno ao menor dos meninos. — Quer vestir também uns couro assim? — acrescentou.

— Não — respondeu o menino — mas quero conhecer o mato. Quero ver e saber o que é que ele tem...

— Então venha pra cá de noite que eu lhe conto umas história dos mato.

— Venho, sim. Você vem comigo, Ricardo?

— Venho — respondeu o irmão.

— Pois eu espero — confirmou Pedro com um sorriso no canto da boca, como era o seu costume.

— Já vem mais gado ali, meus filhos — chamou o pai, levantando o indicador no ar e pondo o ouvido à escuta.

— A voz é de Cumpade Nicolau — disse Zé Dias. — É ele.

— É — confirmou Pedro Damasceno. — E já vem aí.

Em poucos minutos apontaram no nascente também, vindo das serras, outras reses em

correria.

Nicolau, ajudado de Aurélio e Coló, conduzia o rebanho. Zé Dias já estava abrindo o curral para o receber.

Mal acabou de fechar o último varão da porteira, outro “aboiado” atroou os ares e novo rebanho apareceu, agora trazido por Virgílio, o filho e João da Pedra. Foi encurralado imediatamente.

— Nicolau — falou o Senhor Domingos — eu acho que vocês deviam almoçar agora, não?

— Que é que vosmecês acha, pessoal, querem almoçar? — perguntou o vaqueiro a todos em geral.

Houve um pequeno silêncio.

— O Senhor me dá licença, cumpade? — perguntou Virgílio.

— Fale, cumpade.

— Já é tarde, não há dúvida; mas vamo esperar os companheiro, não?

— Sim.

— Sim.

— Certo — concordaram todos.

E enquanto os últimos se despiam também dos couros, chegaram os derradeiros lotes de reses. Traziam-nos Zé do Caíma e João do Mari, vindos da Serrota; e João do Cedro e o velho Maurício, da Baixa-do-Veado.

Todos os receberam com gargalhadas de alegria.

No curral já havia mais de cem cabeças de gado. Pelos cálculos de todos, inclusive do fazendeiro, ainda outro tanto devia haver nos matos.

— Vá buscar em nossa casa um aperitivo para os vaqueiros — mandou o Senhor Domingos ao filho Alfredo.

O moço foi rápido e voltou com um garrafão de vinho. A alegria com que foi recebido não cabe em palavras.

Serviu-se meio copo a cada um, e já se ouvia a voz de Zefinha:

— Nicolau, chame os home.

— Pessoal! — bradou o vaqueiro — tá na hora. E voltando-se para o Senhor Domingos: — Patrão, vosmecê e os menino tão convidado.

— Obrigado, Nicolau; nós já almoçamos. Tenham bom apetite.

Entraram todos.

— Meus filhos — convidou o pai — vamos ficar com sua mãe e suas irmãs.

Dirigiram-se para casa.

Ricardo e Maneca não entraram. Meteram-se novamente nas redes a combinar ideias para a noite. Ficou assentado que os dois iriam ter a primeira conversa com Pedro Damasceno sobre a vida dos matos. Sentiam uma atração irresistível pelo desconhecido das florestas.

Terminado o jantar, os dois meninos não aguardaram o chamado do pai. Saíram para a casa de Nicolau, onde eram esperados por Pedro Damasceno.

— Muito bem! Vosmecês vieram no trato — disse-lhes o vaqueiro, convidando-os a sentar. — Vamo pra cá.

E levou-os, num abraço, para um canto do alpendre, onde um pau grosso, deitado ao pé da parede, servia de banco. Pedro sentou-se no meio e com uma e outra mão sentou os meninos de um e outro lado.

Maneca esfregava as mãos de contente. Ricardo não estava por menos.

— Então vosmecês gostam da vida dos matos? — começou Pedro Damasceno.
— Muito! — respondeu Maneca.
— Demais! — acrescentou Ricardo.
— É uma vida dura. Vosmecês nem queira saber. Isso é vida de bicho. Esses mato têm coisa...
— O quê? — perguntaram a um tempo os dois meninos.
— Eu não sei nem como é que começo.
— Diga tudo que o senhor sabe — pediu Ricardo — porque nós queremos entrar pelos matos caçando e fazendo armadilhas. E queremos saber como é que devemos andar.

O MISTÉRIO DA CAATINGA

— Tenham cuidado — foi a primeira recomendação de Pedro. — Tenham cuidado porque aqui tem cobra como folha de pau. E é das piores: cascavel, jiboia, caninana, jararaca. .. aqui tem de tudo. Deus livre vosmecês de encontrar com uma delas! Misericórdia! Só a jiboia não tem veneno, mas mesmo assim ela é perigosa. Uma jiboia grande é capaz de engolir um carneiro, uma cabra, um menino também! Por Nossa Senhora, vosmecês tenham cuidado!
— Não se preocupe, Seu Pedro; nós teremos cuidado — falou Maneca.
— E os espinho? — continuou Pedro suas explicações. — Os espinho são os piores do mundo; rompem até os couro que a gente tá vestido. Tem espinho aí nesses mato que quando pega numa junta, seja de gente, seja de bicho, aleja.
— É mesmo, Seu Pedro?! — admirou-se Ricardo.
— É. O espinho de xiquexique é assim. Se ele pega na junta, a junta endurece; não dobra mais...
— O Senhor nos mostra xiquexique amanhã, pra gente conhecer? — pediu Maneca.
— Mostro, sim. Tem aqui bem perto.
— E caipora, Seu Pedro? Eu ouvi dizer que o mato tem caipora. O senhor já viu? — perguntou Ricardo.
— Eu tenho medo de caipora — disse Maneca.
— Eu nunca vi. Dizem que tem. Os caçadores falam que ela bate em cachorro, abre caminho errado pras pessoa... Mas ninguém nunca viu. Eu acho que isso é ilusão do povo.
— Não faz medo não, Maneca — disse Ricardo. — Eu não creio nisto não. Eu penso que é bobagem do povo.
— Possa ser — concordou o vaqueiro, meio crente meio descrente. — Mas é bom não confiar nela.
— E caças que há no mato, Seu Pedro? — perguntou Maneca.
— Tem muita caça: veado, caititu, ema, seriema, juriti, nambu, preá, mocó, nas serra... E também tem raposa, onça, gato-do-mato, e otros bichos que não é caça.
— Tem onça aqui? — perguntou admirado Ricardo.
— Tem muita. A suçuarana, que o povo chama “lombo-preto”. É uma onça pequena, mas que vive comendo cabrito e veado por esses mato. Tenham cuidado vosmecês com ela também. É perigosa.
Os dois meninos se entreolharam, mesmo no escuro como estavam.
O Senhor Domingos, a esposa e as filhas iam chegando neste momento.
Os vaqueiros, aos grupos, espalhados pelo terreiro da casa, palestravam e riam, entre baforadas de cigarros. Quase todos fumavam.

Pedro levantou-se e foi receber os que chegavam. Os meninos o acompanharam.

— Vocês já estão aqui, hein? — perguntou-lhes o pai.

— Eles vieram cumprir o trato que tinha comigo. Querem saber da vida dos mato. E eu já estou explicando pra eles.

Estas foram palavras de Pedro Damasceno, em resposta à pergunta do fazendeiro.

A mãe e as filhas entraram. O pai ficou com a vaqueirama do lado de fora.

— Meus filhos têm gostado muito de conversar com você, não é, Pedro?

— É verdade, Seu Domingo. Seus filhos são joias de valor.

E voltou a sentar-se no tronco onde estivera, levando os dois garotos.

Os vaqueiros rodearam o fazendeiro que agora dirigia a palavra a todos. O filho mais velho ali estava com ele.

— Bem — retomou Damasceno o fio do diálogo —que é mais que vosmecês querem saber?

— Ih! Seu Pedro. É tanta coisa! — exclamou Maneca. — E a vida do vaqueiro, como é que ele vive nesse meio tão duro?

Pedro Damasceno respirou fundo, fixou os olhos no menino, depois no irmão, e, levantando a cabeça, falou pausadamente:

— O vaqueiro não tem hora pra dormir nem comer. Sai de manhã, chega de noite. Come a hora que pode; dorme quando tem tempo. O boi é a sua vida. O seu relógio é o sol; seu divertimento é o seu trabalho. Seu lugar de recreio é o curral. Sua cadeira é a sela. Seu companheiro de trabalho é o cavalo. Sua ajuda é a de Deus. Deus é que é a nossa valença nessa vida. A Virgem Santíssima é a nossa guarda.

Estas palavras de Pedro Damasceno resumiram, numa síntese admirável para os meninos, a vida do vaqueiro nordestino.

— Fale mais, Seu Pedro — pediu Maneca. — Eu quero aprender mais coisas.

— Os mato é misterioso. Tem coisa ruim e coisa boa. Os mandacaru têm os espinho mais terríveis do mundo; mas têm uma fruta vermelha que a gente come. Não é boa como a banana, mas mata a fome. O gravatá de folha larga tem espinho e é morada de cobra, mas ajunta água e a gente corta ele e arranca e vira no chapéu... tem deles que dá até três litros de água boa, fria que mata a sede. A jiboia come gente, mas tem gente que come ela assada... O mato é assim.

— E as serras, Seu Pedro? — perguntou Maneca. — Como são as serras?

— Vamos embora, meus filhos? — chamou o pai. — Já aprenderam muita coisa, não?

— Já, meu pai? — disse Ricardo.

— Vão — aconselhou Pedro. — Amanhã eu lhes falo das serras, tá bom?

— Está, Seu Pedro — concordaram os dois. — Até amanhã. Obrigados por hoje.

— Vosmecês manda. Eu estou às ordens.

— Boa noite, Pedro — despediu-se o pai.

Já a mãe e as filhas vinham de lá de dentro. Reuniram-se todos ali, despediram-se, e a família, num grupo, se dirigiu para casa.

A vaqueirama também se recolheu para o interior da casa de Nicolau e as portas de uma e outra casa se fecharam.

O gado mugia no curral. O Senhor Domingos escutava aquele mugido como quem ouve uma sonora melodia.

Os dois meninos, revivendo as palavras de Pedro Damasceno, maquinavam em suas mentes febris um plano de aventuras.

No dia seguinte os meninos acordaram cedo. Quando os vaqueiros se levantaram já eles vinham, ainda lusco-fusco, cada um com um copo na mão, para tomar leite no curral. O pai os acompanhava.

Pedro Damasceno, quando os avistou foi ao encontro deles, saudando-os:

— Bom dia, patrão. Bom dia, amiguinhos. Dormiram muito?

— Ora se dormiram, Pedro! Mas, pelo que vejo, eles estão entusiasmados com sua conversa.

— É, patrão. Esses meninos são formidáveis. Eu gosto muito deles...

— E eles de você, não tenha dúvida — concluiu o pai.

— Hoje eles querem saber a história da Serra do Capitão. Talvez eu volte mais cedo pra contar pra eles a história da Serra. Era melhor que fosse de dia, mode lhes amostrar as serra, explicando tudo.

— Talvez você volte mais cedo, Pedro. O trabalho hoje é menos que ontem... Não?

— Às vezes o segundo dia é pior que o primeiro. Mas seja o que Deus quiser.

Os vaqueiros todos preparavam seus cavalos. Zefinha chamou Nicolau e a ordem foi transmitida a todos: o café estava na mesa.

Beijus com leite, cuscuz com leite, carne assada com pirão de leite — tudo na base do leite — constituíam o cardápio.

Todos se serviram moderadamente. Aqueles homens tinham por norma não comer muito antes do trabalho de vaquejada. Diziam eles, e com razão, que montar a cavalo com estômago cheio é perigoso.

Após o café todos se levantaram, e, alguns fazendo cigarro de palha, outros enchendo de fumo o cachimbo, foram-se para a frente da casa concluir os preparativos para a partida. Reapertaram as cilhas dos cavalos, vestiram-se nos couros e montaram.

— Vamo na mesma orde de ontem — disse Nicolau.

Todos concordaram. Despedindo-se do fazendeiro e dos filhos, partiram. A princípio devagar, soltando baforadas de fumo. Depois apressaram o passo às alimárias e desapareceram.

Pai e filhos voltaram para casa.

— Meu pai — falou Maneca — o senhor já subiu na Serra do Capitão?

— Não, meu filho! — respondeu o pai numa exclamação. — É uma altura horrível e uma mata fechada... Quem se atreve a ir lá?

Os dois meninos se entreolharam sem que o pai percebesse.

Maneca insistiu:

— Qual é o perigo, meu pai?

— Aquilo é lugar de onça, meus filhos. Cobras terríveis devem habitar por lá... E as matas? Dizem que têm árvores mais altas que um edifício de dez andares... Vocês já imaginaram isto?

A conversa parou aí, porque chegaram em casa.

Após o café chegaram à casa do fazendeiro Isac e o filho, Gérson, de apenas doze anos de idade. O pai era caçador e trabalhava, ora fazendo roça, ora tirando casca da madeira chamada angico, que vendia para curtume. Vinha a isto.

Gérson, que trazia um facão pendente da cintura, sorriu para os meninos, e isto foi o bastante para os atrair com força irresistível a conversar com ele. Logo acertaram um plano

de fazer armadilhas para pegar caça, no que o filho de Isac era perito.

Não eram ainda duas horas da tarde quando o “aboiado” de Pedro rasgou os ares da caatinga. Já voltava com os companheiros. Traziam um bom número de cabeças de gado, que encurralaram junto às outras.

— Vosmecê tinha razão, patrão — disse ao Senhor Domingos. — Voltamos cedo e acho que daquelas bandas não tem mais nada. Vamos esperar os outros pra ver. Vim no trato, patrãozinho — disse, voltando-se para Maneca. — Hoje vosmecês vai saber a história das serras.

Saltou em terra e, juntamente com Zé Dias e Manuel da Boa-Vista, foi liberar os cavalos.

Os meninos não perdiam uma palavra, um gesto sequer dos vaqueiros. E ajudaram-nos a puxar os animais, estender os couros ao sol para enxugar, guardar alguma coisa...

— Enquanto a gente espera os outros, vamos cá, pra vosmecês ver uma coisa.

Os meninos estavam curiosos mais do que nunca. Pedro Damasceno levou-os para os fundos da casa de Nicolau e mostrou-lhes:

— Tão vendo aquelas serras? São três: a primeira é a Serra do Gravatá, que deu nome à fazenda. A outra é a Serra do Meio. A derradeira, a mais alta, lá do outro lado, é a Serra do Capitão. Olhando daqui — continuou a descrição — é uma beleza, não?

Não precisava perguntar. Os meninos estavam empolgados. A beleza das serras os encantara desde a frase que o pai lhes dissera, ao primeiro instante: “E lá por detrás, vejam que beleza!”

Pedro continuou:

— Mas quando a gente entra lá, é tudo muito diferente: as árvores são tão altas que tapam a luz do sol e a gente às vezes não enxerga nem o céu. O chão é todo cheio de subida e descida que atrapalha qualquer cristão que vai lá. Caminho não tem. E é cada escondido que dá medo! Vosmecês nem queira saber!

— E se a gente quisesse ir lá? — aventurou Ricardo.

— Nem pense uma coisa dessas, patrãozinho. Não é obra pra vosmecês.

— Mas por que se chama “Serra do Capitão”?

— Bem. É uma história muito triste, e eu não sei se é verdade ou mentira: dizem que no tempo de uma guerra chegou aqui um capitão procurando um lugar bom pra fazer um quartel de defesa. Subiu naquela serra e nunca mais ninguém viu ele. Dizem que depois acharam o cangaço. Certamente a onça comeu. Aí botaram o nome na serra de “Serra do Capitão”.

— Coitado! — lastimaram os meninos.

— E não mora ninguém lá, não? — perguntou Ricardo.

— Não. Lá não mora ninguém.

— Nem nas outras serras? — perguntou o outro menino.

— Não. Em cima das serras não tem ninguém. Na Serra do Capitão, lá no topo, tem um cruzeiro, mas nunca ninguém vai lá. É um lugar esquisito, cheio de mistério, medonho. Mas de lá, do pé do cruzeiro, se avista o mundo inteiro!

— E como a gente não vê daqui o cruzeiro? — quis saber o pequeno Maneca.

— Ah! patrãozinho, daqui lá é longe; fica lá por trás, não se vê daqui não.

— Tem espinho lá em cima? — indagou Ricardo.

— Ave-Maria, patrãozinho! Quer saber quantas espécie de espinho?

— Queremos! — afirmou Ricardo.

— Tem xiquexique, cabeça-de-frade, palmatória, rabo-de-raposa, mandacaru-facheiro, mandacaru-de-boi, afora a macambira e o gravatá que forra o chão por toda parte.

— Deve ser uma beleza ver tudo isto de perto, não, Ricardo? — perguntou Maneca.

— Eu penso que sim.

— Mais vosmecês não vão lá não, por Nossa Senhora!

Os dois meninos sorriram e não deram nenhuma resposta.

Já chegava outro magote de gado e Pedro chamou os meninos de volta. Ia ajudar os companheiros a encurralar as reses que chegavam.

Outras levas de gado não tardaram também. Dentro de mais uma hora estavam todos os vaqueiros em casa; e o gado, se não todo, quase todo estava preso.

O curral regurgitava de gado. O mugido atroava o espaço e não cessava um instante.

O Senhor Domingos convidou a esposa e as filhas e foi com elas olhar o rebanho preso no curral grande; já lá estavam Alfredo e os dois pequenos.

— Está terminada a primeira parte da luta, meus filhos — disse. — Amanhã é a segunda: a ferra.

— O gado não está com sede não, meu pai? — perguntou Alfredo.

— Está, meu filho. Mas não há problema, não. Dois, três dias de sede os animais suportam bem. Amanhã, à proporção que formos ferrando, vamos soltando as reses e cada uma vai beber.

— Meu pai — chamou Maneca — é verdade a história de um capitão que se perdeu na serra?

— Quem lhe contou isto?

— Foi o vaqueiro Pedro Damasceno.

— Dizem esta história por aqui, meu filho. Contam que foi na guerra de catorze. Não sei mais do que ouvi dizer. O fato é que aquela serra é uma serra esquisita... — E continuou, mudando de assunto: — O melhor da festa vai ser amanhã, meus filhos. Vocês vão ver.

A “FERRA” DO GADO

Os dois meninos não pensavam noutra coisa: não lhes saía da cabeça a ideia de desvendar o mistério da mata, de ver de perto as serras, sobretudo a Serra do Capitão. Queriam de lá descortinar o mundo como lhes dissera o amigo vaqueiro; ver de perto o cruzeiro, ver a luz do sol sumir sob a copa das árvores... Tudo isto para eles era uma atração irresistível.

O sol ia a pino.

— Patrão — falou Nicolau, aproximando-se — hoje tem uma fatada e vosmecês tão convidado a comer mais nós...

— Sim, Nicolau — respondeu o pai. — É promessa que fizemos ontem.

— Nhor sim. Os patrãozinho também.

— Vamos, sim Senhor — disseram os meninos.

Entraram todos, e foi servida uma dose de vinho.

A fatada esteve uma delícia!

Pedro Damasceno que tanto se afeiçoara aos meninos, ajudava-os a servir-se, elogiando aquele prato da cozinha sertaneja como um dos melhores que se saboreiam no nordeste.

Todos ficaram encantados de ver a simplicidade dos meninos e do fazendeiro, a banquetear-se com aqueles homens tão rudes e que pareciam distar tanto deles. A nobreza de alma, porém, de uns e de outros, irmanava-os naquele encontro de satisfação geral.

Terminado o almoço, o Senhor Domingos falou a Nicolau:

— Penso que pegaram o gado todo, não, Nicolau?

— Pegaram, patrão. Se faltar algum, nós pega depois. Não tem nada. Amanhã nós ferra tudo.

— Certo. Vamos começar cedo, hein? É gado muito...

— Tem mais de duzentas cabeça; amanhã nós pega ao raiar do dia.

— Ótimo! Nós estaremos aqui. Os meninos querem ver tudo como é. Eles também querem ajudar...

— Eu tenho trabalho pra eles — disse sorrindo o vaqueiro. E voltando-se para os meninos: — Venham mesmo. Vosmecês vão ver coisa bonita.

Na volta para casa o pai confirmou-lhes as palavras de Nicolau — Realmente é uma coisa bonita. Bonita e impressionante. É a luta direta do homem com os animais, luta às vezes corpo a corpo, num desafio de força e destreza em que o homem tem que vencer.

Os meninos deitaram-se mais cedo, não que tivessem sono, mas para que passasse logo a noite que os separava do episódio da ferra do gado.

Mal o dia começou a clarear, ainda sob o brilho mortiço das últimas estrelas que se punham, já os meninos pulavam da cama e deixavam o quarto de dormir.

Saíram ao terreiro com o pai e foram tomar leite.

Pedro, Zé Dias e outros traziam lenha para o pequeno curral contíguo ao grande, onde estava o gado. Acenderam ali um pequeno fogo, ajudado a esquentar com esterco do próprio gado, seco, apanhado na malhada.

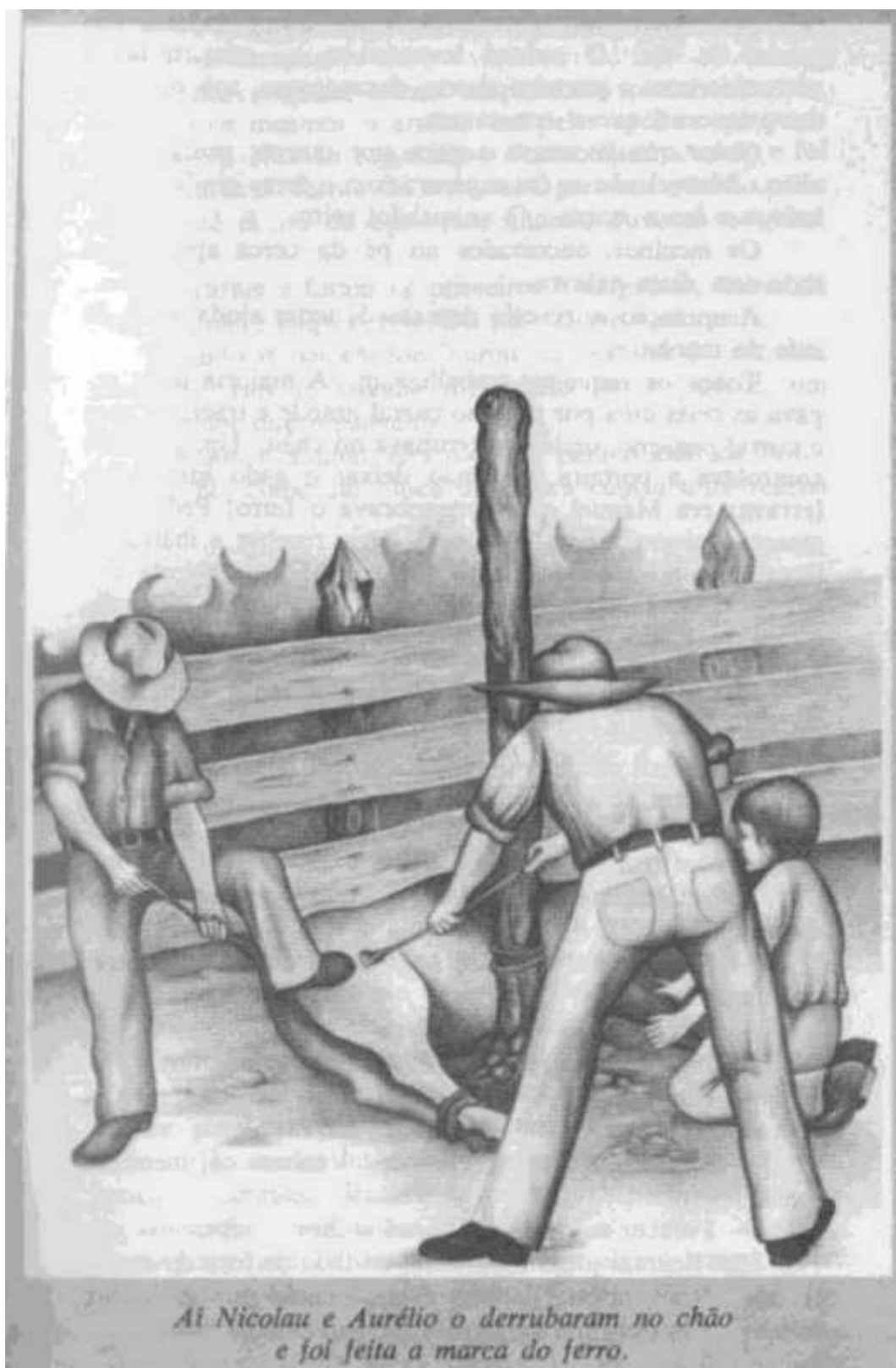
Quando as labaredas subiram um pouco, Damasceno colocou entre elas as letras do ferro, iniciais do fazendeiro.

Dentro de poucos minutos o ferro mudava de cor. Zé Dias e Nicolau já traziam seguro pelas orelhas e pelas pontas o primeiro garrote. Derrubado no chão, Pedro Damasceno pisou-lhe na pata traseira e sustentou-o imóvel. Manuel da Boa-Vista foi ao fogo e levantou no ar o ferro em brasa. Encostou-o na coxa do mamote; desprendeuse um pouco de fumaça, o bicho soltou um mugido abafado e todos o largaram de vez. O animal levantou-se, e, num instante, acertando com a porteira aberta, desapareceu, sob os gritos dos vaqueiros que o enxotavam.

Outra rês já estava segura por outros, posta já no chão. Manuel não se fez esperar: com o ferro ainda quente baixou e fez a marca. O animal foi solto.

Os meninos, encostados ao pé da cerca apreciavam tudo sem dizer palavra.

A operação se repetiu dezenas de vezes ainda antes do café da manhã.



*Ai Nicolau e Aurélio o derrubaram no chão
e foi feita a marca do ferro.*

Todos os vaqueiros trabalhavam. A maioria deles pegava as reses uma por uma no curral grande e trazia-as para o curral pequeno, onde as derrubava no chão. Um vaqueiro controlava a porteira para não deixar o gado sair; outro ferrava: era Manuel quem manobrava o ferro; Pedro Damasceno pisava a pata cuja coxa devia receber a marca do ferro; o velho João do Cedro cuidava do fogo. Nesta distribuição de tarefas, mais de cinquenta cabeças de gado foram marcadas quando Zefinha veio avisar que o café estava na mesa.

O fazendeiro e a família foram também tomar sua primeira refeição.

Em menos de dez minutos Ricardo e Maneca voltaram para o curral. Os vaqueiros ainda não tinham chegado, quando eles, vendo o fogo quase a extinguir-se alimentaram-no com lenha e esterco.

As labaredas subiam no ar, quando os vaqueiros apareceram.

— Muito bem! — disse a sorrir Nicolau. — Querem nos ajudar?

— Queremos — responderam.

— Pois eu vou ensinar vocês a pegar boi e ferrar.

— Cumpade!... — observou o velho Maurício, olhando de lado e virando a cabeça, em atitude de censura.

— Não se preocupe, cumpade. Venham cá, meninos.

Eles foram.

— Fiquem aqui — recomendou-lhes.

Eles ficaram junto à porteira, do lado de fora do curral grande. Nele entrou Nicolau, acompanhado por Aurélio e saíram de lá trazendo arrastado um garrotinho.

— Peguem aí onde nós tamo pegados; segurem. Não deixe o boi escapar!

E eles próprios saíram empurrando o animal atrás, enquanto os meninos o arrastavam pelas orelhas até perto do fogo. Aí Nicolau e Aurélio o derrubaram no chão e foi feita a marca do ferro. Os meninos seguraram o bicho pelas orelhas até o fim da operação, quando ouviram o grito: “solta!”

Largaram e foram os primeiros a gargalhar, felizes de estar ajudando naquele trabalho para eles emocionante.

Quando o pai chegou, parou na porteira de entrada, admirado: eles já vinham arrastando outro garrote, um pouco maior que o primeiro.

Ferrado o animal, eles pularam para o lado de Pedro Damasceno, como em busca de defesa contra uma reação do bicho.

— Tá vendo, patrão? Os meninos dão pra coisa! — exclamou Nicolau entre risos.

Todos aplaudiram os meninos, e o trabalho continuou. Eles ajudaram ainda segurando outros garrotinhos, mas em breve não puderam mais. O curral foi esvaziando e as reses que agora traziam eram maiores, novilhos e bois, já de grande porte. Eram laçados no curral grande e trazidos para o mourão plantado no centro do curral pequeno. Às vezes aí se viam os dois meninos seguros à corda de couro de laçar que lhes oferecia o vaqueiro.

Pelo meio-dia só restavam no curral grande umas vinte cabeças de gado. Os bois maiores, mais bravos, mais esquivos, lá estavam. Eles iriam proporcionar o espetáculo da tarde, como encerramento da luta.

Suspenderam o trabalho. Era hora de almoço.

O fazendeiro e a família foram para casa. Ricardo e Maneca, por convite especial de Nicolau e Pedro Damasceno, ficaram para almoçar com os vaqueiros. Sentiam-se à vontade, perfeitamente integrados naquele ambiente e naquela sociedade simples. Sentiam-se até vaqueiros como eles. O pai consentiu em deixá-los aí. Vibrava com isto.

Após o almoço descansaram todos algum tempo, pois o trabalho da tarde seria diferente.

— Vamos cuidar, minha gente? — convidou Nicolau.

— É bom, Nicolau — respondeu o Senhor Domingos. — A tarde vai pendendo.

— Quem quer laçar o primeiro? — perguntou o vaqueiro.

Todos se entreolharam.

— Eu laço! — gritou Maneca.

Todos acharam graça no repente do menino e sorriam com ele.

— Vosmecê ainda é pequeno, patrãozinho. Vosmecê vai ferrar, tá certo? — acrescentou o vaqueiro.

— Tá certo — confirmou o pequeno, usando a mesma linguagem.

— Eu laço — disse Pedro Damasceno.

E foi logo apanhando a corda de couro; dirigiu-se para o curral. A vaqueirama e todos mais o acompanharam.

Pedro Damasceno chegou à porteira do curral grande, olhou para dentro... O gado se reuniu no canto oposto, fugindo o mais possível das pessoas que se aproximavam. Nenhuma rês ficava parada: todas pisavam num pé e noutro, inquietas, amedrontadas, umas empurrando as outras de encontro à cerca do curral.

Damasceno mirou um boi preto, espantadiço, cuja cabeça, elevando-se por cima do rebanho, não parava de voltar-se para todos os lados, vendo o perigo que corria. O vaqueiro entrou sozinho no curral e foi-se aproximando do gado, por um lado, rodando o laço aberto por cima da própria cabeça, enquanto falava a meia voz para acalmar os animais. Quando chegou um pouco mais perto, o rebanho partiu a um tempo, num tropel violento como se uma mola única impelisse todas as reses. Viu-se, nesse instante, o laço partir como um raio por cima do rebanho em correria, e atingir certo os chifres do boi preto.

O animal, sentindo-se laçado, disparou pelo meio do gado e sumiu. Uma nuvem de poeira escura arrebatou da vista dos espectadores o boi preto e o vaqueiro. O chão estremecia sob o tropel dos animais.

Quando a poeira diminuiu um pouco, viu-se o vaqueiro Damasceno seguro na corda, com o corpo pendido para trás quase a tocar no chão, as pernas retesadas para a frente, os pés rasgando a terra, arrastado pelo boi. Mas o animal foi perdendo as forças e diminuindo o ímpeto da carreira. Numa das voltas que dava pelo curral, Damasceno conseguiu passar a corda no mourão do meio do curral e firmá-la de uma vez. Estava dominado o boi. Agora ele chegava perto do animal, pelo lado, incitava-o, e a cada momento a corda ficava mais curta, até que o boi encostou a cabeça no pau. Passou-lhe um laço nas pernas traseiras, peando-o, passou uma cilha "no pé da barriga" e estendeu no chão o boi valente. Nicolau já vinha trazendo o ferro em brasa e puxando Maneca pela mão.

— Aqui, patrãozinho — indicou-lhe o lugar, sustentando com o menino o ferro.

A fumaça subiu. O boi não soltou um gemido.

— Queimou, cumpade. Chega — disse Pedro Damasceno. — Maneca, saia daí. Cumpade, afrouxe a cilha e tire a peia.

— Saíam todos da porteira! — gritou Nicolau para os espectadores.

Todos correram. Ele próprio foi abrir a porteira e lá ficou para evitar que o outro gado saísse. Damasceno, "conversando com o boi", tirou-lhe dos chifres a laçada e pulou de lado. O animal, sentindo-se livre, "enterrou os pés" num pulo e em três ou quatro corcovas atingiu a porteira e desapareceu. O resto do gado quis acompanhá-lo, mas Nicolau, surgindo na porteira, barrou-lhe a passagem.

A façanha de Pedro Damasceno foi imitada por muitos. O rebanho preso era cada vez menor e as reses eram cada vez mais espantadiças. Quando faltavam oito ou dez cabeças, apenas, Nicolau lançou um desafio terrível:

— Quem quer pegar um boi a unha, sem corda?

— Meu pai, isto é possível com este gado grande? — perguntou, espantado, Ricardo.

— É, meu filho. Estes homens são uns bichos, uns gigantes.

— Eu pego, Seu Nicolau.

Era João de Virgílio que aceitava o desafio. Virgílio simplesmente olhou de lado e sorriu. Confiava no filho.

João de Virgílio entrou no curral grande. Um boi rajado chamou-lhe a atenção. Avançou em direção ao animal que conheceu que fora visado.

Estando atrás do rebanho, forçava os outros para abrir passagem, quando se sentiu seguro pela cauda. Pulou como uma rã, açoitando os pés nos ares para atingir o seu perseguidor. Mas o caboclo também pulava de lado e se livrava dos pés do boi. E a correria começou, doida, desvairada, uns levando os outros de roldão. No meio daquele tropel João de Virgílio, sem que se visse como, passou a agarrar-se no lombo do boi; subiu e cavalgou-o, agarrando-se às orelhas do animal e deitando ao longo do pescoço. O boi urrava com a língua para fora da boca. Estava rendido. Depois de mais alguns minutos de resistência inútil, parou sozinho, isolado do resto do rebanho, e João, soltando uma das mãos, levantou-a espalmada no ar, como sinal de vitória.

Saltou no chão, segurou uma orelha do boi com a mão direita, com a esquerda segurou fortemente as ventas do animal e foi puxando-o lentamente para o mourão. Nicolau veio ajudá-lo a amarrar, peando-o e estendendo-o no chão. Zé Dias entrou com Ricardo, trazendo o ferro. Os dois ferraram o boi, que foi solto.

O velho João do Cedro chegava à frente da casa puxando um cavalo. Pôs-lhe a sela, e tudo mais, necessário para campear.

Depois que ferraram mais uns tantos, restavam no curral apenas dois bois. Eram dois animais impressionantes: um era esguio, de pernas compridas e nervosas; o bicho sapateava procurando uma brecha no curral para escapar. Via-se que era um boi corredor. O outro era completamente diferente: baixo, grosso, de pontas ameaçadoras, pescoço grosso e que, quase isolado como estava, partia de vez em quando para a porteira com a intenção de pegar alguém nas aspas. Boi que arremetia!

Nicolau falou:

— Agora vamo ter o melhor da festa. Só tem dois, escolhido pra dar os derradeiro número do espetáculo. Quem quer pegar o boi corredor a unha, no campo aberto?

— Eu, Seu Nicolau.

Era a voz de Manuel da Boa-Vista.

— Pois vosmecê pode ir montar. Pessoal, vamo todos lá pra frente da casa, no telheiro. E tenham cuidado!

Todos saíram e se acolheram sob o telheiro da casa. Nicolau ficou na porteira do curral grande. Coló ficou na porteira de saída. Manuel da Boa-Vista montou no cavalo e aguardou.

— Lá vai, Seu Manuel! — gritou de lá Nicolau.

O boi saiu na porteira como uma bala e partiu em direção à caatinga. Manuel da Boa-Vista disparou o cavalo atrás. Menos de um minuto durou a corrida. Quando se aproximava dos matos, no fim da malhada, o boi, sentindo o vaqueiro no encalço, levantou a cauda num supremo esforço para alcançar maior velocidade. O vaqueiro, num lance de raio, segurou o abano da cauda do boi, emparelhou o cavalo e deu um puxão de lado. Ouviu-se um baque surdo; as patas do boi subiram no ar; o vaqueiro, deixando o cavalo, saltou sobre o boi caído e segurou-lhe a cabeça dobrada sobre o pescoço. Estava vencido o animal corredor. Nicolau, Damasceno, Maurício, Zé Dias — todos ajudaram a segurar o animal. João da Pedra corria trazendo o ferro quente. Ferraram o boi.

— Todo mundo de vez, hein! Larga! — gritou Nicolau.

Todos soltaram à uma e o animal levantou como um tufão e desapareceu nas caatingas. Gargalhadas e gritos o acompanharam.

— Agora quem quer topar o boi arremetendo? — foi a pergunta do vaqueiro-chefe.

Era o último número do espetáculo. Com uma vara-de-ferrão de apenas um metro e meio de tamanho, o vaqueiro entra sozinho no curral e desafia o boi. Quando este parte para pegá-lo nos cornos, o homem deve esperá-lo na ponta da aguilhada, que é a vara, munida em uma

das extremidades de um ferrão agudo. É isto que se chama “topar o boi”. É a tourada nordestina.

Todos se encaminhavam para casa e ninguém respondia à pergunta de Nicolau.

— Como é, gente? — insistiu ele. — Ninguém?

Pedro Damasceno sorriu de lado e aceitou:

— Eu topo o boi, cumpade.

Entraram todos no curral pequeno. Desta vez até as mulheres se interessavam de ver o que ia acontecer. Alfredo e os irmãos, imitando João de Virgílio e outros, treparam na cerca do curral para ver melhor. O Senhor Domingos com a esposa, Zefinha e as filhas olhavam por entre os paus da cerca.

O boi, vendo-se sozinho no curral, triplicou a raiva. Olhando para os lados, fixando as pessoas uma por uma, como a aguardar uma oportunidade, cavava a terra com as patas dianteiras, jogando com violência a terra cavada para trás, na cerca e nos ares.

O velho Maurício trouxe a vara e entregou-a a Pedro. Este examinou-a e descobriu-lhe a ponta do dispositivo de couro que a reveste. Todos aguardavam com o peito oprimido pela emoção.

Pedro Damasceno baixou o busto e passou na porteira. O boi mirou-o e ele mirou o boi, de longe. Os dois se compreendiam. O animal, inquieto, pisava num pé e noutro, medindo o inimigo. Ninguém dizia uma palavra. Pedro avançou dois passos com a agulhada em posição de defesa: a mão esquerda para o lado da ponta de ferro e a direita para a outra extremidade, o meio da vara colocado à coxa direita. Avançou mais dois passos. O boi balançou no ar a cabeça e escavou o chão. Pedro avançou mais dois passos, levantou o peito mostrando ao boi sua estatura gigantesca e bateu o pé esquerdo no chão, dizendo uma interjeição apropriada:

— Eh!

O animal partiu de lá como um raio para pegar o vaqueiro. Em frações de segundo Pedro Damasceno dobrou um pouco o corpo para a frente e se ouviu estalar nos ares uma pancada seca. O boi recuou e o vaqueiro não tirou os pés do lugar. Voltou o animal ao ponto donde partira e se virou atrevido. Um fio de sangue descia-lhe pela testa. Quando atingiu as ventas, o boi lambeu-o, passando a língua. Parece que o gosto de sangue mais o irritou. Partiu de lá, segunda vez. Pedro, que não perdia um movimento do animal, já o esperava. Segundo tope; segunda ferida. Mais uma vez o vaqueiro não se moveu do lugar.

— Ele ainda vem, cumpade! — disse Nicolau.

E veio mesmo. Veio e recebeu o terceiro tope. E aí ficou. Baixou a cabeça, donde pingava sangue por três furos, estirou um palmo de língua para fora da boca, deixou cair baba em abundância e berrou vencido.

Pedro Damasceno tirou o chapéu e com ele batia na cabeça do animal, mostrando que era vencedor. O boi não fez nenhuma reação. Por fim o vaqueiro, pondo o chapéu na cabeça, alisava a testa do boi com a mão...

— Pode laçar, cumpade — disse a Nicolau. — O boi tá entregue.

Laçaram, derrubaram e ferraram o boião valente.

Os meninos não se controlaram: pularam no chão e abraçaram o amigo Damasceno, que os suspendeu a ambos nos seus braços de gigante. Sorria feliz com o prêmio que lhe davam os amiguinhos naquele abraço de louvor ao heroísmo.

Todos os demais, imitando os meninos, cumprimentaram a Pedro Damasceno.

O boi foi solto. Não correu. Deu uma volta pelo curral, depois saiu na porteira e, atravessando a malhada, entrou na caatinga.

O sol já desaparecia por cima da Serrota.

Recolheram-se todos à casa de Nicolau.
O fazendeiro e a família foram para casa.
À noite, após o jantar, houve um “show” na casa do vaqueiro.

O “SHOW”

Isac chegou trazendo de companhia um tocador de violão e outro de cavaquinho. Zé Dias era exímio tocador de gaita e nunca se separava da sua — ela aí estava. Formara-se o conjunto, com Isac no pandeiro.

Um lampião a gás pendia do teto e iluminava a sala, derramando, pela porta e pelas janelas, abundante luz que se perdia no terreiro. A um canto da sala os quatro tocadores executavam modinhas, sambas, marchas e outros ritmos em seus instrumentos. Os pares de dançarinos rodopiavam no salão.

Os meninos, ouvindo de casa a música, não esperaram convite. Quando os pais e os outros chegaram, eles já lá estavam. Recebeu-os na porta Pedro Damasceno, que os conduziu para junto aos tocadores, onde os dois se sentaram a ver os instrumentistas e ouvir-lhes as músicas e o canto.

Dentro de quinze minutos, aproximadamente, uma voz se fez ouvir, impondo silêncio: era Nicolau que, em pé, na porta de entrada, com a mão espalmada no ar, completava com o gesto o pedido de silêncio.

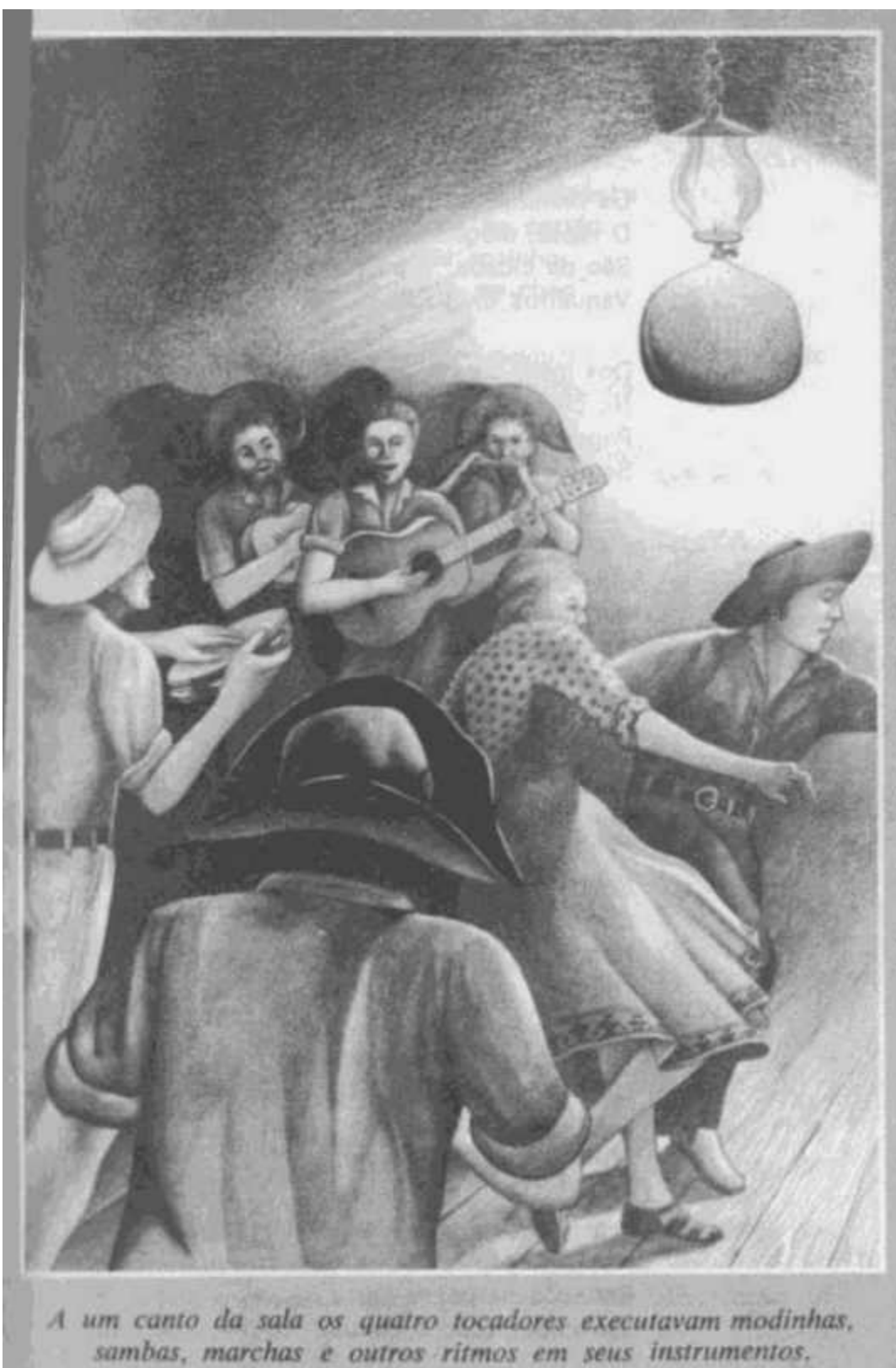
O Senhor Domingos e Dona Mariana apareceram sob o jorro de luz da porta. Seguiam-nos as filhas e Alfredo.

A família foi recebida festivamente sob uma salva de palmas e gritos de ovação.

As pessoas que dançavam encostaram-se pelas paredes, esvaziando o salão. Um caboclo aproximou-se dos músicos e cochichou qualquer coisa. E, afastando-se para um lado, cantou uma toada, que os instrumentos acompanharam em surdina:

“Na fazenda 'Gravatá'
O Sol nasce por primeiro
E quando pende no ocaso
Inda vê por derradeiro.
Na fazenda 'Gravatá'
Não existe tempo mau
Tem comida, tem bebida,
Boi que nem folha de pau.
A Serra do Capitão,
— Mais alta que os Pireneus;
Quando a gente sobe nela
Chega pertinho de Deus.
O cruzeiro lá plantado
Sustenta o globo do mundo.
Abençoa o sertanejo
E faz o sertão fecundo.
O casal de fazendeiro
(Que Deus lhe dê sua benção)
Veio alegrar as catinga,

Trouxe vida pro sertão.
Coronel Domingo é o chefe,
Dona Mariana é a santa;
As filhas — jardim florido,
Com seu perfume que encanta.
Os meninos são de raça;
O rapaz, moço educado;
São da cidade; e no campo.
Vaqueiros civilizado.
Dos mato eles não têm medo;
No curral — pinta o diabo;
Pegam boi pelas orelhas,
Seguram boi pelo rabo”



A família, tendo entrado no salão, parou perto da porta, a escutar a toada.

Outro cantor assumiu o lugar do primeiro, e a música e a poesia improvisada continuaram:

“O sertão é traiçoeiro,
Parece que tem mandinga.
Mas o vaqueiro é valente,
Não tem medo de catinga.
Sobe morro, desce serra.
Corre vale e capoeira,

Não fica palmo de terra
Que não passe na carreira.
Se o boi passa no trancado
Ou pula por fundo valo.
Também lá passa o vaqueiro
Montado no seu cavalo.
O tropel dos cavaleiro,
Nas catinga do sertão,
Retumba no pé da serra,
Estremece todo o chão.
Quando a poeira alevanta,
Na planície ou nos oiteiro.
Ninguém enxerga o cavalo,
Nem o boi nem o vaqueiro.
Mas quando o barulho passa
E a calma volta ao sertão,
O cavalo anda sozinho,
O boi tá preso no chão".

Um terceiro poeta substituiu aquele, e, abrindo o peito em outro ritmo, começou com nova música:

“Depois de junto o rebanho
Todo, num bloco, afinal,
Na direção do curral
O vaqueiro tange o gado.
E abre o peito de poeta
E sua vida interpreta,
Cantando o seu ‘aboiado’.
Mas o melhor da catinga
Não é pega, não é nada;
É a perigosa tourada
Do nordeste, do sertão:
O vaqueiro, com a aguilhada
Topa do boi a marrada,
Sem tirar o pé do chão.
Foi seu Pedro Damasceno
O herói dessa tourada:
O boi deu três cabeçada,
Foi três buraco na testa.
O sangue no chão pingava,
O boi, vencido, berrava...
E assim acabou a festa".

A família foi quem rompeu em palmas aos poetas improvisadores. Os aplausos se prolongaram.

Era a poesia simples do sertão que se derramava ao som da música.

O Senhor Domingos agradecendo em nome da família providenciou bebida para a festa que continuou noite adentro.

Lá pelas tantas da madrugada, a lua cheia já pendia para o poente, a família se despediu.

Todos foram dormir embalados pela música que se ouvia longe.

ARMADILHAS

Uma das primeiras preocupações e grande divertimento de meninos que chegam a uma fazenda para passar uma temporada é fazer armadilhas para pegar animais do campo — pássaros e outros bichinhos. Ricardo e Maneca não eram diferentes dos outros meninos da cidade. Apenas eles não tinham costume destas coisas, nem sabiam, conseqüentemente, como fazê-las.

Quando Isac veio para a fazenda, na noite do “show”, trouxe consigo o filho, Gérson, já conhecido dos meninos, companheiro do pai nos trabalhos do campo.

Já naquela noite Maneca e Ricardo começaram a conversar com o menino, cujo nome lhes ficou na memória.

Foram procurá-lo e o encontraram cedo na casa de Aurélio.

O menino da roça, a princípio desconfiado, foi aos poucos aceitando a amizade dos dois irmãos civilizados e em meia hora de conversa já se entendia bem com eles, discutindo de igual para igual as brincadeiras comuns.

Na casa de Nicolau o movimento era grande: os vaqueiros selavam os cavalos e se preparavam para a partida. Iam todos para suas casas, cuidar dos seus afazeres, em suas fazendas.

O Senhor Domingos veio com a família agradecer-lhes a cooperação no serviço, prontificando-se a ajudar a todos no que eles precisassem de ajuda.

Era aquele um momento misto de alegria — do dever cumprido — e tristeza — a despedida. Quantos apertos de mão houve é incalculável: todos se apertaram as mãos e todos apertaram as mãos de cada membro da família do fazendeiro. Não faltaram os abraços, especialmente aos pequenos, que conquistaram a afeição geral.

Pedro Damasceno chegou a encher os olhos de lágrimas ao despedir-se de Ricardo e Maneca.

Montaram todos e deram rédeas aos cavalos em diversas direções.

A família do fazendeiro ficou a olhar os que partiam, acompanhando-os, em silêncio, até que os matos os encobriram aos seus olhares tristes. E a fazenda voltou à monotonia dos dias comuns, de pouco trabalho e muito descanso.

Ricardo e Maneca voltaram a encontrar-se a sós com Gérson e começaram a combinar planos.

Gérson era menino dos matos, acostumado às coisas do campo. Perito na arte de fabricar armadilhas, logo se propôs ensinar os dois meninos não só a fabricar como a armar nos matos, em lugares convenientes, as suas armadilhas.

Na tarde daquele mesmo dia, após o almoço, saíram para o mato os três e foram tirar varas. Trouxeram de lá uma porção de varinhas finas e linheiras, conforme orientação de Gérson.

— Vamos fazer arapuça — foi dizendo ao chegar em casa.

Dirigiram-se para a “casa-aberta” donde fizeram sua oficina.

— É só com varas que se faz arapuca? — perguntou Ricardo.

— Não — respondeu Gérson. — É preciso, arame fino; arame liso.

— Eu já trago — disse Maneca.

E saiu correndo. Logo voltou, e Gérson cortou dois pedaços de arame de um metro de tamanho que amarrou nas extremidades de duas varinhas de cinquenta centímetros cada uma, aproximadamente. Depois, girando uma das varas para que os arames formassem um “X”, assentou-as no chão em distância de meio metro uma da outra, formando assim um quadrado. Em seguida foi cortando outros pedaços de varas do mesmo tamanho e foi colocando-as sob as pernas do “X”, duas a duas em lados opostos. E foi diminuindo o tamanho dos pedaços, à medida que o trançado subia em direção ao centro do X. Os arames foram ficando cada vez mais retesados até que, no final, como conclusão do trançado de pedaços de vara, ele fez a esteira, que são os últimos pedaços, pequeninos, postos lado a lado como arremate.

Quando terminou, levantou no ar a armadilha, sob os olhares deslumbrados dos dois meninos civilizados.

— Tá pronta; agora é só armar — disse satisfeito.

— Esta é minha! — gritou Maneca.

— Agora vamos fazer a sua — disse Gérson a Ricardo.

Mais uma meia hora, e estava pronta a segunda arapuca.

— Agora faça uma pra você — disseram à uma os dois meninos.

Ele fez.

— Amanhã nós vamo botar no mato pra pegar nambu e juriti. Eu sei onde nós bota. — E prosseguiu Gérson: — Quando nós voltar vou ensinar vocês a fazer zabumba.

— Para quê? — perguntou Maneca.

— Pra pegar preá. É caça boa e besta pra cair em armadilha. Vocês vão ver.

Realmente, no outro dia ele veio ensinar os meninos a fazer a outra armadilha. Quando chegou teve a surpresa de ver que cada um estava com duas arapucas e para ele também havia duas. Os meninos tinham aprendido a fazer, e, antes que Gérson chegasse, eles, aproveitando as varas que sobraram da véspera, puseram em prática a lição de arte que tiveram.

— Vamos logo armar as arapuca; depois nós faz as zabumba.

— Vamos — concordaram os dois filhos do fazendeiro.

O filho de Isac levava milho nos bolsos para colocar nas armadilhas.

Daí a uma hora voltaram.

— Agora vocês arranje uma tábua assim...

E media com as mãos a largura de uns vinte centímetros por uns cinquenta de comprimento, na tábua. Maneca e Ricardo foram ao depósito e de lá trouxeram um lado de cama que já não se usava, e um serrote.

Pedi ainda Gérson dois outros pedaços de tábua, estreitos e mais compridos, pregos de certo tamanho e martelo. Tudo pronto, ele começou a explicar:

— A gente bate dois prego nas tabuinha, um em cada uma, até a ponta sair do outro lado, no meio; pega a tábua larga e enfia nas ponta dos prego, de um lado e de outro, mais pra uma ponta da tábua do que pra outra, assim ...

E ia juntando a ação às palavras, para que os meninos entendessem perfeitamente.

— É preciso que as ponta dos prego não firme a tábua; ela precisa mover assim... abaixando e subindo. Agora a gente vê o caminho dos preá, cava um buraco no chão, mais largo que a tábua, e fundo, e bota a parte mais leve da tábua por cima do buraco e prende as tabuinha no chão. Aqui não precisa botar comida. Os preá vem passando no caminho, pisa na

tábua e cai dentro do buraco. Aí a tábua sobe outra vez. Pode cair muitos preá numa armadilha só. Depende de ter muitos.

A tarde já havia três zabumbas armadas nos matos, junto a moitas de macambira, a morada preferida dos preás.

Isac, ocupado no seu trabalho de tirar cascas de angico nos matos da fazenda, preferiu deixar o filho com os filhos do fazendeiro. À noite se encontravam pai e filho, pois Isac vinha dormir na casa de Aurélio, de quem era muito amigo.

Dias se passaram em que a distração dos três meninos era pegar nambu, juriti e preá nas armadilhas.

Gérson lhes ensinou não só a fazer as armadilhas, mas também como armá-las para a captura dos animais.

Todos os dias eles comiam assado ou feito guisado, algum animal, ave ou roedor, caído nas armadilhas.

E assim os meninos iam juntando às lições de escotismo, aprendidas na cidade, os conhecimentos práticos que lhes administrava o filho de Isac. Com ele aprenderam também a andar nos matos e manejar o facão para abrir passagem nos lugares mais fechados da caatinga.

O “PAI DO MATO” E ALEXANDRE

Por esse tempo o fazendeiro recebeu a visita de dois dos maiores frequentadores da fazenda “Gravatá”: Zé Pequeno, e o soldado reformado Alexandre.

Eram dois exímios caçadores. Tinham fama de adivinhar com as caças. Nunca lhes aconteceu ir ao mato e voltar sem alguma caça de grande porte — veado ou caititu — ou sem um número considerável de caças pequenas — cágado, nambu, juriti, preá.

Zé Pequeno vivia da caça. Caçava para comer e para vender. Seu instrumento de trabalho era tão-somente uma espingarda. Com ela abatia caças, onças, cobras grandes, tudo que lhe desse proveito ou lhe oferecesse perigo. Não andava caçando com cachorro. Ele mesmo é que procurava a caça, parecendo ter, ele próprio, o faro dos cães.

Pequenino, magro, de olhos vivos, muito alegre, usava o “chamador” de nambu com tal perícia, que enganava até os outros caçadores.

Comia pouco. Quando ia caçar, levava no “aió” um pouco de farinha e uma rapadura. A água ia na “borracha”, pendurada também a tiracolo. Um facão e uma faca pequena eram o complemento de seus apetrechos. Assim entrava no mato.

Solteiro, se a noite o surpreendia no mato, dormia por lá mesmo. De nada tinha medo. Houve tempo em que levava seis ou oito dias dentro das caatingas caçando, sem voltar para casa. Nessas ocasiões ele levava também sal, com que salgava as caças, e, quando voltava para casa, era com uma verdadeira carga de carne seca de animais caçados.

O apelido de “Zé Pequeno” cabia-lhe em virtude de sua baixa estatura.

Seu teor de vida, porém, lhe valeu outro apelido, pelo qual era conhecido em toda aquela caatinga, numa extensão de muitas léguas: chamavam-lhe “Pai do Mato”.

Sua vida era um rol de aventuras e casos com os lances mais emocionantes que se pode imaginar. Basta dizer que não poucas vezes ele se encontrara com os “cangaceiros” em plena caatinga.

Ricardo e Maneca que ouviram do pai estas coisas a respeito de Zé Pequeno, ficaram curiosos de conversar com ele sobre sua vida nos matos.

— Não faltará oportunidade de vocês ouvirem muita coisa contada por ele pessoalmente — disse-lhes o pai.

O soldado Alexandre era outro tipo curioso. Alto, magro também, sério, acostumado também a dormir no mato; não vivia, porém, de caça: caçava por esporte. Tinha a aposentadoria — era soldado reformado da polícia — e era casado: vivia com a esposa e os filhos, na vila de Adustina. O entusiasmo pela caça, porém, fazia-o esquecer o aconchego do lar e internar-se pelos matos, com o amigo e compadre Zé Pequeno, por lá dormindo também dias e dias.

A especialidade de Alexandre era rastejar. Nisto ele possuía perícia inigualável. Era capaz de “ver” o rastro de uma pessoa ou de um animal até em cima das pedras onde outras pessoas nada viam. Isto lhe valeu no tempo em que era soldado, pois foi rastejador, guiando volantes pelas caatingas em perseguição aos cangaceiros. Nessa função nunca falhou.

Agora, aposentado, sua técnica de rastejar lhe valia na arte de caçar.

Sua vida era também uma corrente de façanhas admiráveis. Ambos estes homens conheciam palmo a palmo aquelas caatingas: já haviam percorrido todas as suas trilhas, já haviam visto todas as suas árvores.

Ricardo e Maneca vibravam de conhecê-los e sabê-los tão notáveis conhecedores do sertão.

Informados pelo pai a respeito dos dois, foram falar-lhes pessoalmente em casa de Nicolau, para onde eles haviam ido.

— Andem logo — disse-lhes o pai — pois eles não demoram de sair para caçar e ninguém sabe, nem eles mesmos, se voltarão à noite.

Os meninos não esperaram outro conselho; dispararam na carreira em direção à casa do vaqueiro.

— Já sei como é o seu apelido — foi dizendo Maneca, ao chegar — é “Pai do Mato.

— Quem lhe contou isto? — perguntou, entre risos, Zé Pequeno.

— Meu pai. E o senhor se chama Alexandre, não é? — perguntou, voltando-se para o outro caçador.

— Tão bem informados a nosso respeito... — confirmou Alexandre.

— Muito bem — continuou Zé Pequeno. — E o nome de vosmecês?

— Eu sou Maneca.

— E eu sou Ricardo. Nós aqui estamos para conversar com vocês. Sabemos que vocês têm muita coisa para nos contar. E nós queremos aprender muito sobre os matos.

— Eu vou contar uma história do cumpade Alexande — disse Zé Pequeno.

— Depois eu conto outra do cumpade Zé Pequeno — rebateu Alexandre.

— Ótimo! bradaram os meninos.

— Cumpade Alexande foi soldado — começou Zé Pequeno. — Era rastejador de cangaceiro dentro dos mato. Um dia ele rastejou os cangaceiro aqui dentro da fazenda “Gravatá”. A “força” veio topar com eles ali no Boqueirão e o tiroteio começou. Foi tanta bala na catinga que o mato ficou roçado. Durante muitos anos se sabia onde foi o “fogo”. Hoje o mato já encobriu tudo de novo, mas ainda se sabe onde é, porque morreu um cangaceiro e enterraram lá mesmo. Fincaram uma “santa-cruz” que tá lá até hoje.

— Nesse tempo — continuou o soldado Alexandre a narrativa do compadre — essas catinga vivia abandonada. Ninguém pisava aqui pra não morrer. Só o cumpade Zé Pequeno tinha corage de vir caçar. Os cangaceiro conhecia ele e não fazia nada nele. Um dia — continuou — ele andava caçando nos mato e encontrou uma mulher toda rasgada de espinho, quase nua, toda ensanguentada. A mulher correu pra ele chorando que nem menino, pedindo

que salvasse. Cumpade Zé Pequeno perguntou quem era e o que andava fazendo... Ela disse que era mulher de um cangaceiro chamado “Azulão” e que num “fogo” com a volante se jogou pelo mato e se perdeu do bando. Cumpade Zé Pequeno, que sabia onde tava o bando, foi levar ela pros cangaceiros... Foi uma festa. Ele foi traído que nem um rei. Comia e bebia do melhor e inda quiseram pagar quinhentos mil réis. Mais ele não recebeu.

Os meninos se entreolharam. Aqueles homens tinham realmente histórias emocionantes para contar. Mas não quiseram mais detê-los. Deixaram-nos ir à caça.

À noite eles voltaram a falar aos meninos, contando-lhes outras histórias de cangaceiros e caçadas. Deste modo os meninos ficaram sabendo que naqueles matos, para os lados das serras havia um imbuzeiro chamado “Imbuzeiro dos Cangaceiros”; que na Serra do Meio havia uma gruta com o nome de “Gruta dos Cangaceiros” onde eles costumavam dormir e esconder-se da polícia. Lá os dois caçadores estiveram inúmeras vezes, e encontraram panelas, pratos velhos esmaltados, cascas de bala e até um fuzil velho imprestável e pilhas de lanterna descarregadas. As pedras da “trempe” em que cozinham lá estavam ainda.

Tudo isto era alimento para a curiosidade dos meninos, que gostariam de ver estas coisas de perto.

Estavam decididos a fazer uma aventura.

OS PREPARATIVOS

Acho que nós já sabemos o bastante — foi dizendo Ricardo ao irmão.

— Eu concordo — respondeu Maneca. — Vamos juntar nossos conhecimentos de escoteiros com as informações que aqui nos deram e pronto.

Os dois estavam deitados nas redes, uma tarde, descansando.

— A primeira coisa que vamos fazer é amolar nossas facas de escoteiro — afirmou Ricardo.

— Certo — concordou Maneca. — Mas eu acho que nós devíamos levar também facão. Você já viu como é o mato. A macambira é intransponível sem um facão.

— É mesmo, Maneca. Vamos fazer o seguinte: eu peço o de Nicolau e você pede o de Aurélio. Emprestados, entende?

— Ótimo. Eles nos emprestam, estou certo.

— Não tenho dúvida. Vamos logo?

Desceram das redes e foram às casas dos dois vaqueiros. Trouxeram de lá os facões. Guardaram dentro do jipe. Depois, entrando em casa, apanharam as facas e vieram amolá-las na “casa-aberta”, onde havia uma pedra para isto.

Aprenderam com Zé Pequeno que rapadura com farinha é capaz de sustentar uma pessoa durante muitos dias; não morre de fome. Foram, pois, ao armário da cozinha e apanharam duas rapaduras e bastante farinha, que meteram numa mochila e trouxeram para o jipe.

Em tudo isto eles se esquivavam para não serem pegados nesses preparativos.

Apanharam no quarto os dois cantis que encheram de água e puseram junto às outras coisas.

Tinham intenção de sair pela manhã, sob o pretexto de ir olhar as arapucas, mas pensavam estar de volta ao meio-dia, ou de tarde cedo. Por isso levariam água e uma merenda. Mas, como escoteiros que pareciam demonstrar que eram, entenderam de levar também carne, sal, cordas, chapéu — o que era mais pelo prazer da aventura do que por

pensar que pudessem tais coisas ser úteis naquela excursão.

Zefinha, embora estranhasse um pouco, arranjou-lhes um pouco de sal e uma caixa de fósforos.

Eles ficaram felizes com a ajuda da esposa de Nicolau. Parecia-lhes que não faltava mais nada.

— Pra onde vosmecês vão? — perguntou a mulher.

— Vamos andar um pouco por aí, pelo mato — respondeu Ricardo.

— Vosmecês não ande sozinho por aí!... É perigoso! Já tem-se perdido muita gente nos mato... Por que não andam mais gente grande? Olhe as cobra cascavell!...

A mulher do vaqueiro, como mãe, embora os filhos fossem muito pequenos, temia pelos filhos dos outros, maiores que os seus.

Eles agradeceram as recomendações e saíram. Agora acreditavam que tinham tudo. Só lhes restava esperar o dia seguinte, quando pretendiam sair cedo, logo após o café.

À noite voltaram à casa de Nicolau, onde Zé Pequeno e Alexandre, que chegaram da caçada, “tratavam” as peças que tinham abatido.

Zé Pequeno trouxera dois caititus que estavam ali, já esfolados, isto é, tirado o couro de ambos.

Alexandre acabara de tirar a pele de um veado. Agora os dois tratavam a carne, retalhando-a para salgar.

Depois, sob os olhares curiosos dos meninos, espicharam os couros com varas e os puseram em pé, junto à parede. No outro dia os poriam ao sol para secar.

— Se vosmecês ficar por aqui mais tempo eu vou lhes ensinar a caçar — disse sorrindo, Zé Pequeno, aos meninos.

— Nós queremos mesmo aprender a caçar — respondeu Ricardo, por si e pelo irmão.

— É trato feito.

— Você ainda demora por aqui? — perguntou Maneca.

— Uns três ou quatro dias...

— Então amanhã ou depois nós combinaremos melhor.

— Certo. Cumpade Alexande também é bom professor. Ele sabe onde as caça dorme...

Nesse momento se ouviu no ar o grito do Senhor Domingos que chamava os filhos.

Os meninos se despediram e rumaram para casa.

Já deitados, arquitetavam o plano em seu roteiro: primeiro andariam pela planície, em direção à Serra do Capitão. Subiriam a serra e desceriam do outro lado, para subir a Serra do Meio. Daí ou desceriam para casa ou tentariam subir a terceira serra, a Serra do Gravatá.

Imaginavam esse plano e falavam aos cochichos, para não serem ouvidos.

Em poucos minutos o sono e o cansaço os venceram e eles dormiram.

NA SERRA DO CAPITÃO

Depois do café, aproveitando o ensejo de o pai e o irmão irem à casa de Nicolau, Ricardo e Maneca tomaram suas coisas preparadas para a excursão e saíram de casa pelo lado esquerdo, entrando logo nos matos, para não serem vistos carregados como estavam com tantos apetrechos.

Cada um levava um facão e uma faca pendentes do cinto de couro que usava. Levava também cada qual o seu cantil cheio de água, a tiracolo. Completavam-lhes a carga as provisões, divididas mais ou menos ao meio, postas em capangas que penduraram a tiracolo

também.

Tinham aprendido em aulas de escotismo que “escoteiro, nos matos, deve ter as mãos livres”: nada de embrulhos ou objetos quaisquer nas mãos. Assim entraram na caatinga e se afastaram da possibilidade de serem vistos.

Depois de marcharem um bom trecho, sem dificuldades, pois os matos aí eram ralos, batidos pelo gado, resolveram atravessar a estrada que conduz à fazenda “Lagoa Grande” e rumar em procura da Serra do Capitão.

— Já vamos longe de casa — disse Ricardo, olhando para trás.

O irmão parou, olhou também e respondeu:

— É verdade, Ricardo. Mas olhe a serra; parece que nem andamos. Está na mesma distância, não acha?

— Sim — concordou o irmão. — Mas é engano. Nós já andamos muito.

— Vamos para a frente.

— Vamos. Não podemos perder tempo.

O sol, frio a princípio, começava a esquentar. Os dois aventureiros, tomando uma trilha que levava à direção da serra, para onde eles iam, andavam a passos rápidos procurando encurtar a distância que os separava da montanha.

Andaram uma hora e Ricardo rompeu o silêncio:

— Olhe a serra, Maneca; estamos chegando.

— Puxa vida, rapaz! é mesmo! E como é alta!

Já se aproximavam do sopé da serra. Abandonando a trilha, que ladeava a elevação, entraram pelo mato, que não era alto, agora olhando a serra de frente.

Aqui e ali observavam que, à altura de um metro do chão, aproximadamente, havia muito mato cortado, uns com brotos que filharam e outros secos, mortos.

Andaram algumas braças mais e Ricardo chamou a atenção do irmão:

— Olhe!...

O outro percebeu a surpresa estampada no rosto dele.

— O quê? — perguntou.

— A cruz! — disseram ambos ao mesmo tempo.

Era a “santa-cruz” do cangaceiro, morto ali. Os paus cortados a certa altura do chão — compreendiam eles agora — eram a “roçagem” do combate que ali fora travado, como dissera Zé Pequeno.

Como cristãos que eram, chegaram perto da cruz, tiraram os chapéus e rezaram pela alma do morto.

Estavam no Boqueirão.

Instintivamente os dois se deram as mãos, e, sem convite, espontaneamente, resolveram sair daquele lugar triste. Continuaram a andar para a serra. Voltou-lhes o ânimo e soltaram as mãos um do outro, para mais depressa poderem andar.

Em meia hora mais ou menos chegaram ao pé da serra. Até então quase não encontraram dificuldades de andar. Chegaram até a pensar que os vaqueiros e os caçadores exageraram quando disseram que o mato era fechado... Até aquele momento não tinham tido necessidade de usar os facões. Sempre havia por onde passar tranquilamente.

A hora já ia avançada, e eles resolveram fazer uma merenda e descansar um pouco, antes de escalar a montanha. Sob a copa de um imbuzeiro desceram as coisas dos ombros, tiraram rapadura da mochila e cada um comeu um pedaço com farinha. Acharam excelente o sabor daquela mistura. Depois beberam alguns goles de água virando na boca os cantis, e consideraram-se refeitos.

— Vamos subir? — convidou Ricardo.

— Vamos — aceitou o irmão.

E começaram a escalada.

Viram logo de início que não era tão fácil quanto lhes pareceu. O mato, que na baixa não era tão grande, na encosta da serra era muito alto; a macambira, em geral mirrada na planície, agora era soberba, verde, de um verde escuro, com palhas que ultrapassavam muito a altura de suas cabeças; cipós por toda parte se enlaçavam dificultando a passagem, a ponto de muitas vezes fazê-los parar e examinar ao redor em busca de lugar melhor para avançarem na subida. Houve ocasiões em que não viam como sair donde estavam e tiveram de usar os facões abrindo caminho palmo a palmo, numa viagem lenta que parecia não ter progresso.

Houve momentos em que chegaram a quase desistir da subida:

— Vamos voltar, Ricardo? — perguntou Maneca.

— Está com medo? — foi a resposta do outro.

— Não é bem medo... É que nós estamos longe de casa. Nossos pais já devem estar preocupados...

— Mas nós chegarmos até aqui e voltarmos sem subir até o topo?...

— É mesmo, Ricardo. Vamos em frente. Se não chegarmos para o almoço, chegaremos para o jantar. Vamos.

E continuaram. Já viam a baixa muito longe, lá embaixo, sinal de que já tinham subido um bom trecho. A serra, porém, era muito alta e os meninos, donde estavam, encobertos pelas copas das árvores e pelos cipós que nelas se entrelaçavam, não podiam calcular a distância que ainda os separava do topo.

Encorajava-os a ideia de que ninguém jamais tinha feito aquela aventura; ninguém, com os conhecimentos deles, jamais tinha ido desvendar os mistérios daquela serra estranha, tão desconhecida. Por outro lado, queriam ter a sensação do escoteiro sozinho na floresta, contando com seus recursos para sair-se bem na aventura. Por fim, animava-os ainda a ideia de que do alto daquela serra “se avistava o mundo”, na expressão dos caçadores da região. Tudo isto os encorajava a arrostar todas as dificuldades da subida.

Admiradores que eram dos vaqueiros e dos caçadores, cujas façanhas tiveram oportunidade de ver e ouvir contar, queriam, também eles, ser objeto de admiração para todos, mostrando que também sabiam andar nos matos e fazer coisas admiráveis.

Continuaram subindo. Não viam com clareza em que direção andavam. Sabiam apenas que subiam uma encosta íngreme de serra — a encosta da Serra do Capitão.

O calor aumentava. Embora eles às vezes não vissem o sol, percebiam que o meio-dia se aproximava. Começaram a suar e a sentir fome e sede. O cansaço vencia-os; às vezes as forças diminuía, as pernas fraquejavam e houve mesmo ocasião de sentirem os pés derraparem para trás, desequilibrando-os. A sorte de não caírem é que o intrincado dos matos era tanto que, ainda que tombassem, como aconteceu muitas vezes, era impossível cair: seguravam-se às ramas e equilibravam-se.

Andaram muito tempo em silêncio. Alguma coisa os preocupava: ambos remoíam no íntimo a culpa de uma falta, de que a consciência de cada um acusava em silêncio, e condenava sem palavras.



Avistaram, enfim, algo que lhes despertou a atenção: uma aberta, como um caminho abandonado, no meio daquela floresta, na direção para onde eles iam, isto é, subindo a serra. Sorriam satisfeitos e sentiram-se reanimados.

— Agora, sim — falou Ricardo, animando o irmão. — Este caminho nos levará mais facilmente ao alto.

— Também já era tempo de termos um alívio — disse Maneca. — Eu vinha calado de tanto desânimo e arrependimento.

— Não devemos desanimar. Olhe lá, estamos quase no fim...

Maneca olhou na direção do alto e percebeu que realmente se aproximavam do ponto

mais alto, pois a inclinação do terreno diminuía.

Avançavam agora facilmente, pois a picada por onde iam, antigo caminho há muitos anos abandonado, não estava completamente tomada pela vegetação.

— Chegamos! — gritou Ricardo.

E, fazendo-se de forte, deu uma carreira de alguns metros, no que foi seguido por Maneca, que não quis ficar para trás. Saíram numa clareira onde o sol batia, esaldando tudo. Pararam a olhar.

No meio da clareira erguia-se um cruzeiro de alguns metros de altura. Ao pé da cruz, pedras colocadas formavam uma pequena pirâmide.

Os dois meninos deram-se instintivamente as mãos e caminharam lentamente para perto do cruzeiro.

A presença da cruz naquele ermo, plantada ali pela mão do homem e ali abandonada, naquela altura, dominando aqueles campos, como um ponto de união entre o céu e a terra — fez que os meninos sentissem um grande isolamento, e experimentassem, pela primeira vez, a sensação de medo aliada a um sentimento religioso que lhes dava a ideia da presença de Deus.

Depois de contemplarem por algum tempo aqueles dois braços abertos a apontar o espaço vazio, voltaram-se para os lados e verificaram que o cruzeiro fora plantado num cabeço sem vegetação. Era tudo limpo ao redor. E alongaram a vista para longe.

— Que beleza!

— Que maravilha!

Foram as exclamações espontâneas. E tinham razão: estavam avistando o “mundo”. Tinham a sensação de estar num ponto central do globo terrestre, donde se descortinava todo um hemisfério: viam casas de fazendas diversas, povoados, cidades, o rio Vaza-Barris, o rio Caraíba, seu afluente, estradas distantes, outras serras ao longe, e um horizonte que se perdia de vista, parecendo até a curva da terra...

— Valeu a pena chegarmos até aqui, não, Maneca?

— Valeu, Ricardo. Mas vamos comer que eu estou morto de fome.

— Vamos. Depois nós descemos pelo outro lado da serra que já sairemos mais perto de casa.

— É. Também a descida é melhor. Já não se faz tanto esforço.

— Que é que vamos comer? Eu estou pensando em assar carne, que acha?

— Claro! — concordou Maneca. — Depois um pedaço de rapadura é a sobremesa. Vamos fazer fogo.

Descansaram tudo no chão ao pé de um arbusto na orla da clareira, juntaram uns garranchos e começaram a preparar uma refeição.

Enquanto Maneca acendia o fogo, Ricardo preparava um espeto de pau em que enfiou um bom pedaço de carne. Esperaram um pouco até haver brasas bastantes; colocaram a carne a assar e sentaram-se, abrindo a mochila de farinha.

Viraram o espeto para assar o outro lado, e Ricardo, pondo-se em pé e olhando a própria sombra no chão, disse, espantado:

— Talvez já sejam umas duas horas da tarde. Vamos comer e descer depressa.

Munidos das facas de escoteiro, cortaram a carne assada que comeram com farinha. Estava uma delícia.

Beberam água, e, para não perderem tempo, saíram comendo um pedaço de rapadura, cada um, com as capangas e cantis a tiracolo.

Começaram a descida.

Iam no rumo certo, pois, embora não tivessem avistado a fazenda do pai, sabiam que ficava para aquelas bandas.

— Vamos descer deste lado — disse Ricardo — e quando chegarmos a certa altura, sairemos no desfiladeiro que fica entre a Serra do Capitão e a Serra do Meio. Seguiremos então para a direita e vamos dar na baixa chamada Boqueirão por onde nós passamos. Entendeu?

— Entendi tudo. Você está certo. Vamos, que já é tarde.

Desceram. A princípio tudo foi fácil, mas logo eles se viram cobertos de uma mataria tão densa que o sol desapareceu. Se não tivessem calculado as horas há poucos instantes, pensariam que já era noite.

Agora o mato era simplesmente terrível: a macambira atingia-os até no rosto, rasgando-o às vezes até sangrar; o gravatá com suas serras de espinhos miúdos, rasgava-lhes os braços e as pernas; o xiquexique os assombrava de tal maneira que, quando eles o avistavam, sentiam arrepios. As cabeças-de-frade às vezes atravessavam seus sapatos de lona e iam ferir-lhes os pés. Nada disto os incomodara até agora, porque até agora os animava o espírito de aventura para o desconhecido. Nesse instante, porém, preocupados como estavam de chegar, tudo isto os incomodava.

Não foi rápida como eles pensaram a descida. Nem foi isenta de imprevistos e arrodeios, impedidos, aqui e ali, de prosseguir na direção em que vinham.

Saíram numa baixa, que pensaram fosse o desfiladeiro de que falaram. Andaram um pouco para a direita e encontraram algo que lhes arrepiou os cabelos: os restos de uma cabra comida mais ou menos pela metade.

Maneca se agarrou ao irmão.

— Não tenha medo — disse este. — Mas precisamos ter cuidado. Isto foi onça. Realmente nós estamos num fechado esquisito. Vamos andar com atenção.

Andaram muito naquela direção e não puderam prosseguir: a baixa não era o desfiladeiro esperado; subia de novo, sem sair na planície.

Voltaram. Passaram novamente pelos restos da cabra e tomaram a direção oposta. Andaram, andaram e já começavam a ficar apreensivos.

— Que vamos fazer, Ricardo?

— Calma, meu irmão. Nós somos escoteiros. Não se lembra que nós já dormimos no mato?

— Sim, mas isto foi em acampamento. Aqui é diferente.

— Eu sei. Mas...

— Aqui existe onça, você já pensou nisto?

— E estas árvores, não servem para nada? Iremos dormir lá em cima...

— Eu estou com medo, meu irmão...

— Não se preocupe. Vamos tentar para o outro lado, e ver o que há.

Se o aspecto do terreno não nos favorecer, nós vamos logo tratar de arranjar uma boa árvore e subir. Uma árvore reta para cima. E pode ficar tranquilo que onça só trepa em pau inclinado.

— Eu tenho um pouco de medo, meu irmão, mas confio em você. Vamos logo tratar de passar uma noite seguros. E você já se lembrou da agonia de nossos pais?

— Já me lembrei, sim; mas agora nós não podemos preocupar-nos com isto. Eles estão em agonia, mas estão em casa. E nós? temos que salvar nossas vidas. Vamos andar mais um pouco, como disse, nesta direção. Se for possível subirmos a uma árvore para nos orientarmos, estamos salvos; se não for possível, vamos procurar agasalho para passar a noite.

— Acho bom — concordou o irmão menor.

Andaram.

— Ricardo, eu só vejo serra pra todo lado... que é isto?

— Não sei. Não posso compreender. Acho que nós já estamos ficando de cabeça quente. Vamos desistir de andar por hoje. Vamos procurar uma boa árvore e nos acomodar para passar a noite.

— Estou de pleno acordo. Isto aqui é pasto de onças. Elas estão aqui perto de nós. Não devemos demorar.

— Já estou vendo uma árvore que serve. Olhe lá.

O irmão não respondeu. Já tomou a direção da árvore e olhava para cima, escolhendo o melhor lado para subir.

Ricardo ajudou-o nos primeiros impulsos. Depois começou também a subir.

Quando Maneca atingiu uns seis metros de altura, parou de subir.

— Aí é bom — disse-lhe Ricardo.

A árvore, naquela altura esgalhava-se para os lados, e cipós em quantidade se entrelaçavam nos galhos, onde formavam verdadeira esteira.

— Aqui estão armadas nossas redes naturais — gracejou Ricardo.

O irmãozinho olhou-o sorrindo também. E perguntou:

— Você acha que estamos em boa altura?

— Ótima. Aqui não há nenhum perigo. Onça, cobra, nada vem aqui.

Com o facão Ricardo cortou um pequeno galho da árvore e aí pendurou as capangas e os cantis.

— Você está com fome? — perguntou Maneca.

— Um pouco. Vamos comer rapadura com farinha, beber um pouco de água e depois vamos ver se dormimos. Aproveitemos o resto de claridade que ainda temos, porque não devemos acender fósforos...

Executaram o plano: comeram a merenda, beberam água, depois Ricardo falou:

— Agora você tome sua posição que eu vou amarrar suas pernas na árvore. Depois amarro também as minhas. Assim, se algo houver, nós não cairemos.

— É lição que nós aprendemos. E você está bem lembrado... Mas durma aqui bem perto de mim...

— Não se preocupe: dormiremos juntos.

Amarradas as pernas de ambos, deitaram-se abraçados por cima da tranqueira de cipós.

Ainda conversaram um pouco sobre a apreensão dos pais e de toda a família; chegaram até a chorar por eles. Rezaram, pedindo a Deus que os guardasse e confortasse a sua família.

Finalmente, vencidos pelo cansaço, com as pernas doendo de tanto andar e sentindo dores por todo o corpo, do enfado e dos espinhos, adormeceram como dois passarinhos empoleirados na copa de uma árvore.



*Ammarradas as pernas de ambos, deitaram-se abraçados
por cima da tranqueira de cipós.*

A certa hora da madrugada, os raios da lua minguante começaram a bater-lhes no rosto. Acordaram.

A floresta estava em silêncio. O vento não soprava. Nada se mexia. Umas pequeninas nuvens brancas corriam no céu pontilhado de estrelas brilhantes. Nenhum sinal de vida naquele ermo. Tão profundo era o silêncio que os dois meninos podiam ouvir até o bater dos próprios corações.

— Ricardo!... — cochichou Maneca.

— Que é?

— Nada. Queria saber se você estava acordado.

— Estou, sim.

Falavam sempre aos cochichos, sob forte sentimento de medo, quando atroou no espaço um miado aterrador que ecoou forte nas serras.

Os dois se agarraram um ao outro, transidos de medo.

Ricardo explicou:

— É uma onça. Com a claridade da lua ela sai para pegar alguma presa e devorar.

— Eu estou com medo, meu irmão... já pensou se nós estivéssemos no chão?

— Não tenha medo. Aqui onde estamos onça nenhuma vem. Não há perigo.

Maneca sossegou.

O miado da onça se repetiu mais perto. Outro se ouviu tão perto que pareceu aos meninos que ela passou embaixo da árvore. Depois a onça miou mais longe, cada vez mais longe, até não se ouvir mais.

Os meninos ficaram mais tranquilos. Mas a lua começou a empalidecer.

— O dia não demora de amanhecer — disse Ricardo.

E eles não pregaram mais olhos.

O sol veio encontrá-los amarrados e abraçados no topo da árvore.

— Não vamos descer logo não, Ricardo. Vamos deixar o dia esquentar. Eu ainda estou com medo da onça.

— Nem se preocupe. A esta hora ela já está na toca, donde só vai sair na próxima madrugada. Mas vamos esperar o tempo esquentar um pouco. Enquanto isto, vamos desatar nossas pernas e pensar no que fazer.

A PRIMEIRA REFEIÇÃO

Quando perceberam, pelo calor, que já o sol se elevava, resolveram descer da árvore.

Tiveram toda precaução de olhar ao redor, quanto puderam, para não serem surpreendidos por algo desagradável.

Sentindo-se seguros, desceram. Trouxeram a tiracolo suas capangas e seus cantis.

— Vamos tratar de arranjar um lugar aberto para assarmos um pedaço de carne. Estamos com fome, e a caminhada até a casa é longa, não acha, Maneca?

— Ainda duvida? Rapadura e farinha não deixam a gente morrer de fome, mas também não alimentam muito não.

— Olhe! — chamou Ricardo.

— Que foi? — perguntou Maneca.

— Voou dali um pássaro enorme... preto... mas não é urubu... É capaz de ser jacu... parece com um peru. É ninho. Olhe lá! É ninho! Quem sabe se nós não teremos ovos para o “café da manhã”, na floresta?

E Ricardo se desembaraçou da capanga e do cantil, pondo-os no chão e começou a trepar na árvore agarrando-se aos cipós.

— É ninho, Maneca! Cheio de ovos. Vou quebrar um para ver...

E sem concluir a frase se equilibrou lá em cima e com auxílio da faca quebrou um dos ovos.

— Estão bons! — gritou para baixo. — Ainda não têm pinto!

— Ótimo! teremos um bom café! Vou subir com a capanga.

E ao acabar as palavras já ia Maneca trepando na árvore.

Desceram com oito ovos na capanga. Tiveram todo cuidado e, felizmente, chegaram embaixo sem quebrar nenhum.

— Estamos com duas refeições garantidas — disse Ricardo. — Viu como foi bom trazer fósforos e sal? Agora só nos resta achar um lugar onde não haja perigo de acender um fogo.

— E como vamos fazer? Nós não temos uma frigideira...

— Escoteiro não precisa de frigideira para cozinhar ovos... Não se lembra mais?

— Lembrei-me agora — respondeu Maneca sorrindo.

Apanharam as coisas e saíram dali.

Depois de meia hora de marcha difícil pela floresta, saíram num lugar onde havia um pequeno espaço limpo de árvores.

— Aqui é bom — disse Ricardo.

— Também acho — concordou o irmão.

Desvencilharam-se das capangas e arranjaram lenha.

O terreno arenoso se prestava bem ao propósito que eles tinham em mente.

Com auxílio de facão Ricardo escavou um pouco o chão, fazendo um pequeno buraco, redondo, de dois palmos de largura por meio de profundidade. Forrou o fundo do buraco com palhas de gravatá cortadas. Depois colocou sobre as palhas os oito ovos. Cobriu-os com outros pedaços de palhas. Após esta operação colocou terra por cima das palhas até que ficassem totalmente cobertas. Sobre a terra assim posta acendeu um fogo que alimentou com bastante lenha e deixou queimar uma meia hora. Estavam cozidos os ovos.

Apagado o fogo, removido dali juntamente com a terra quente e as palhas, apareceram os ovos apetitosos. Quase todos estavam rachados do calor do fogo.

Comeram quatro, com sal e farinha. Depois cortaram as palhas de dois gravatás, que arrancaram e viraram na copa funda de seus chapéus de feltro. Beberam a água de que não gostaram muito: era meio amarga. Mas deu para matar a sede.

Ergueram-se, estiraram um pouco os membros no ar, respiraram fundo e reencetaram a marcha.

— Vamos nesta direção. — E Ricardo apontou para a esquerda.

Andaram muito, sem parar. Mas não andaram em linha reta. Quando lhes aparecia um obstáculo difícil, contornavam-no e saíam adiante. Isto se repetiu inúmeras vezes. Não atinaram com o erro que estavam cometendo.

Depois de mais de uma hora de marcha, acharam umas cascas de ovos e, com indizível espanto, reconheceram que, sem sentir nem saber como, tinham chegado ao ponto onde assaram e comeram os ovos de jacu.

Olharam um para o outro e sorriram, sem saber explicar nada.

Retomaram a marcha na mesma direção.

Andaram, andaram e daí a um bom espaço de tempo... estavam pela terceira vez no mesmo lugar, vendo as cascas de ovos...

— Que é isto, Ricardo? — perguntou Maneca em pânico.

— Nós estamos perdidos, meu irmão.

O outro abriu no pranto.

— Nada disto, Maneca. A lição agora é subir num lugar elevado, morro ou árvore, e tomar uma direção orientada. Vamos subir esta serra em frente. Haveremos de nos orientar.

Maneca enxugou as lágrimas. Confiava muito no irmão, embora fosse pouco mais moço que ele.

Começaram a subir a serra.

Felizmente não era tão alta quanto a outra; eles, também, não começaram do sopé, mas já estavam a meio caminho. Dentro de uma hora, pouco mais ou menos, chegaram ao cume da elevação. O terreno se tomou plano e eles puderam respirar tranquilos.

— Pensei encontrar uma clareira, como na outra serra — lamentou Ricardo — mas me enganei. A mata aqui é tão densa quanto nos piores lugares por onde já passamos.

— É horrível! — exclamou Maneca. — Mas nós temos o dia para andar. E eu estou bem disposto agora. Vamos andar no plano até encontrar um fim, não acha?

— É uma boa ideia, meu irmão, mas eu tenho medo de nos distanciarmos de casa cada

vez mais...

O outro tinha os olhos cheios de lágrimas. Ricardo o confortou:

— Não se preocupe que nós sairemos daqui. Se não sairmos hoje, sairemos amanhã, depois... mas sairemos, com fé em Deus.

— Eu tenho fé em Deus, mas também acho que nós somos os únicos culpados de nosso erro...

— Sim, não há dúvida. Não nego a nossa culpa, mas Deus também não nega a sua ajuda a quem pede.

Confortados assim com bons pensamentos, avançaram em silêncio.

— Sabe, Ricardo, a esta altura meu pai já colocou gente a procurar- nos pelos matos...

— Mas não nos acharão, certamente. Todos vão acreditar que estamos lá embaixo, na planície...

— É mesmo. Temos que sair daqui por nossos próprios esforços.

— Vamos experimentar aquelas frutas?

Um mandacaru-facheiro, carregado de frutas vermelhas apareceu à vista dos meninos. Ricardo cortou uma vara e com ela derrubou uma porção daquelas frutinhas silvestres. Experimentaram o conteúdo granulado de sementes e viram que o gosto não é dos piores. Comeram muitas e ainda levaram outras nas capangas, pois não sabiam o futuro.

Continuaram abrindo caminho com os facões, pois a mata era cada vez mais densa. Tinham a impressão, de vez em quando, de que o sol se punha, tal a escuridão que os envolvia.

De repente se viram num campo limpo, o que os alegrou sobremodo. Mas logo se arrepiaram de medo e sem pestanejar se deram as mãos na busca de apoio moral.

Diante de seus olhos se abria uma fuma, medonha, negra, sem fim, cavada na rocha. Por cima dela se elevava a serra a perder de vista.

— Será alguma toca de onça? — perguntou Maneca a meia voz.

O outro não respondeu logo. Pegou o irmão pelo braço e avançaram um pouco. Depois falou:

— Tire o seu facão que eu tiro o meu e vamos até mais perto fazer um reconhecimento. Eu acho que é um dos mistérios da floresta. Vamos ver se é o que eu estou pensando.



— É! — disse alto Ricardo. — É a "Gruta dos Cangaceiros".
Maneca se arrepiou.

— Que é que você está pensando?

Já tinham chegado bem perto da gruta.

— É! — disse alto Ricardo. — É a "Gruta dos Cangaceiros".

Maneca se arrepiou:

— Estou com medo...

— Não tenha medo. Atualmente não existe mais cangaceiro. Lampião e Corisco já morreram há muito tempo, e os outros ou morreram ou não são mais bandidos. Não tenha medo. As almas deles não são capazes de ofender a ninguém.

Chegaram à boca da gruta.

— Olhe ali — disse Ricardo, apontando com o dedo — pedaços de panela, pratos velhos...

— Eu vou levar isto — disse Maneca apanhando algo no chão, que mostrou ao irmão.

Era uma cápsula de bala de fuzil. Procuraram e acharam outras por ali. Cada um guardou quatro ou cinco na própria capanga.

— Sabe o que significa isto, meu irmão? — perguntou Ricardo.

— Que estamos na Serra do Meio, não? É nela que fica a “Gruta dos Cangaceiros”.

— Justamente. Mas a fome está apertando. Vamos almoçar.

Não quiseram acampar perto da gruta. O mau cheiro que vinha de dentro e os morcegos que esvoaçavam foram bastante argumento para se afastarem um pouco. Foram sentar-se numas pedras que havia muito convidativas, do lado direito.

Comeram ovos com farinha, depois as frutas de mandacaru e um pedaço de rapadura. Guardaram a carne para outra oportunidade, pois não imaginavam o que lhes poderia vir ainda no futuro. Dois gravatás que cortaram lhes deram água para matar a sede e lavar as mãos.

Antes de prosseguirem na caminhada, Ricardo achou conveniente subir a uma árvore e orientar-se. Escolheu uma árvore bem alta, ao lado da gruta e um pouco acima; trepou o mais que pôde e, olhando para baixo, disse em voz clara:

— Nada vejo, Maneca. Tudo é um oceano de mato; e nós, parece que estamos no meio como dois náufragos.

— Desça e vamos na direção da esquerda da gruta. É o nosso rumo certo...

— Sabe do pior? — perguntou Ricardo ao chegar embaixo. — A tarde já vai caindo. Temos que passar outra noite no mato.

— Mas vamos andar. Não vamos demorar mais aqui. Não quero dormir perto deste lugar horroroso.

Ricardo sorriu dos temores do irmão, mas não quis contrariá-lo:

— Vamos.

Apanharam as coisas e andaram na direção que lhes pareceu certa.

Depois de uma hora de marcha difícil em que ambos guardaram silêncio, chegaram a uma encosta de serra que eles não puderam compreender: para o lado direito, uma descida íngreme; para a esquerda, um plano de algumas braças de extensão, e logo começava uma subida impraticável — eram rochas alcantiladas. Em frente, uma elevação pequena, como uma colina superposta à serra, tapava-lhes a visão.

— Ricardo — pediu Maneca — eu não aguento mais; vamos descansar.

— Vamos, meu irmão. Se você quiser, vamos acampar aqui e passar a noite. O mato não é muito denso, podemos fazer um fogo; vamos assar carne e almoçar. A esta altura já estamos por tudo. Só nos deve preocupar a nossa vida: temos que chegar em casa salvos.

DESCANSANDO

Desvencilharam-se das capangas e dos cantis e dividiram o trabalho:

— Você vai procurar lenha seca — disse Ricardo — que eu vou escolher logo uma árvore para dormirmos.

Separaram-se por instantes. Maneca foi o primeiro a voltar com um braçado de garranchos secos. Começou a cortá-los em pedaços quando ouviu umas pancadas como de vara batendo no chão, na direção para onde fora Ricardo. Correu para lá e achou o irmão

ocupado em acabar de matar uma cobra. Tinha pouco mais de um metro e não causaria medo em razão do tamanho. Pela violência do veneno, porém, é a mais temível serpente da região. Era uma cascavel.

Esmagada a cabeça, o menino cortou, com o facão, a ponta da cauda.

— Que está fazendo? — perguntou, curioso, Maneca.

— Isto é o guizo, o chocalho, o cascavel que deu nome à cobra. Escute...

E balançou no ar para que o irmão ouvisse. As roscas do guizo fizeram aquele barulho característico...

— É assim que faz a cascavel quando está com raiva — completou Ricardo a lição. — Já achei a árvore — prosseguiu.

— E eu já trouxe lenha.

— Então, mãos à obra.

Assaram a carne, comeram bem, beberam água e descansaram um pouco. Quando viram que o sol já esfriava, dirigiram-se para o “quarto de dormir”.

— Eu não sei nem se aguento subir — falou, desanimado, Maneca.

— Não aguenta o quê, homem! — encorajou-o o irmão. — Olhe lá nossas “camas”.

E apontou para a copa da árvore.

O irmão olhou. Era um entranhado de cipós que não deixava ver nada do outro lado.

A árvore ficava a meia encosta da pequena colina que eles tinham avistado em frente, quando de sua chegada ao local. Embora fosse um tronco ereto, era fácil de subir, porque ao longo do caule tinha, a pequena distância uns dos outros, uma porção de pequenos galhos.

Subiram sem dificuldades. O embaraço que encontraram foi atravessar a trama de cipós, para se acomodarem por cima deles, como era o plano. Maneca, que ia na frente, foi abrindo passagem com a faca, cortando aqui e ali alguma rama de cipó, com a precaução de não prejudicar o todo que lhes serviria de colchão.

Saíram em cima e viram que depois da colina deveria haver uma descida, pois avistaram ainda, aclarada pelos últimos raios do sol, uma planície que se estendia a perder de vista.

— Se não fosse o nosso cansaço e também se não estivéssemos tão longe de casa como eu penso que estamos, eu convidaria você a irmos ainda hoje dormir em casa — disse Ricardo.

— Não, Ricardo; por favor, eu não aguento. Mas estou alegre porque sei que amanhã chegaremos cedo em casa. Já me sinto feliz de abraçar os nossos e mostrar-lhes que estamos vivos.

— A esta altura eu também penso que eles acham que nós morremos.

— Não me sai da memória aquela cabra comida de onça... E a gruta? Puxa vida! Que lugar esquisito! Não há polícia que encontre ninguém escondido ali dentro, você não acha?

— É muito difícil. O lugar faz medo, e é quase inacessível.

— Amanhã só temos um resto de rapadura e um pouquinho de farinha. Temos que arranjar frutas de mandacaru. Também, basta comermos uma vez; iremos almoçar em casa.

— Vamos cumprir nosso dever de escoteiros cristãos.

Silenciaram os dois por algum tempo. O sol se escondeu e em poucos minutos as trevas cobriram toda a campina e as serras. As estrelas piscavam no alto.

Amarraram-se as pernas na árvore, como tinham feito na outra noite, abraçaram-se contentes e seguros, e deitaram-se sobre o estendal de cipós.

Não dormiram logo. Recordavam no íntimo os acontecimentos e as emoções vividas durante o dia, lembravam-se da família, do sofrimento horrível que estariam causando a tanta gente, e o sono não lhes chegava.

Ricardo levantou um pouco a cabeça para confirmar o que via: o céu tinha um clarão avermelhado...

Chamou o irmão que cochilava e os dois ficaram a olhar. Por cima da colina superposta à Serra do Meio, onde eles estavam, um clarão refletia no céu, vermelho.

— Não é a lua — disse Ricardo. — Além de não ser ali o lugar onde ela nasce, ainda é cedo. Hoje ela deve sair pela meia-noite ou mais...

— Eu acho que é fogo... — afirmou, meio hesitante, Maneca.

— É fogo, sim; olhe a fumaça...

— Sabe o que é isto? — perguntou Ricardo. E ele mesmo respondeu:

— É um sinal. Foi meu pai que acendeu para nos chamar a atenção.

— Foi mesmo, Ricardo. Agora sabemos que estamos certos em nossa orientação. Nossa casa realmente fica daquele lado.

— Eu não tinha dúvida. Pela posição das serras, só podia ser ali a nossa casa.

NOITE TERRÍVEL

Cientes de que aquele clarão seria um fogo ateadado para sinal, tranquilizaram-se, na certeza de que, no dia seguinte, venceriam em linha reta, do cimo da Serra do Meio até a casa.

O espírito tranquilo acalmou-lhes o sistema nervoso. A boa altura do chão como estavam, amarradas as pernas para prevenir um possível desequilíbrio, aconchegaram-se num abraço de apoio moral e trataram de dormir.

Não o conseguiram, porém. Preocupava-lhes as mentes a agonia que haviam causado à família e a tantos amigos. Sabiam que o alvoroço em casa era grande; que as portas das casas não se fechavam, porque ninguém dormia; imaginavam até que os pais podiam ter enlouquecido, pois o caso era terrível demais para ser suportado: os dois filhos certamente estariam mortos, devorados pelas feras. Chegaram até a imaginar caçadores chegando em casa e entregando a seus pais os restos deles, achados nas matas. Tudo isto era objeto de meditação por parte deles, porque tudo era perfeitamente possível de acontecer.

Entristeceram tanto, com estes pensamentos, que chegaram a chorar, balbuciando um com o outro palavras entrecortadas pelo soluço.

A noite avançou e eles perderam a noção do tempo. Umas nuvens escuras começaram a povoar o céu e caiu uma chuvinha fina. Os dois meninos se aconchegaram ainda mais, apertando-se num abraço mais estreito. Esquentavam-se assim mutuamente, para sentir menos o frio que lhes causava o sereno de chuva.

Passava um vento procedente do vale que ainda mais frios tornava os pingos de chuva, fazendo-os tiritar no alto da árvore.

— Hoje a coisa está pior, meu irmão — balbuciou Maneca.

— É a véspera da nossa vitória — respondeu o outro, animando-o.

Demorou pouco a chuva. Um vento mais forte soprou, estremecendo a árvore, as nuvens foram-se espalhando em direção ao poente e em breve a luz prateada da lua se derramou por sobre os vales e as serras num banho frio de arrepiar.

Os pequenos aventureiros sentiram-se melhor moralmente, embora a frialdade tivesse aumentado. Agora podiam, pela posição da lua, calcular aproximadamente as horas. Já devia passar de meia-noite.

O clarão vermelho, por cima da colina, ainda lá estava, tão intenso quanto estivera no

começo. Se era fogo, como lhes pareceu, estaria sendo alimentado; e, portanto, não estaria dormindo a pessoa que o ateou.

Na tentativa de enxugar mais facilmente a roupa do tronco, levantaram o busto e ficaram sentados.

Puderam, então, admirar a beleza estranha daquele vale distante, longo como um oceano, a perder de vista, sobre o qual a luz da lua era um véu transparente que pouco disfarçava a escuridão. O ermo era completo, medonho. Não se ouvia barulho que denunciasse a presença de um ser vivo. Só os dois, irmãos no sangue e irmanados no mesmo sofrimento, no mesmo isolamento, na mesma dor.

— Vamos deitar para ver se dormimos? — convidou Ricardo.

— Vamos, meu irmão.

Mal derrearam o tronco sobre a trama de cipós, ouviram romper os matos, embaixo, num barulho estranho, um tropel de bichos na carreira. Os dois se seguraram fortemente e olharam para baixo sem dizer palavra. Nada viram: a trama de cipós e a escuridão da noite não lhes permitiram ver nada.

Logo logo ouviram o berro como de um bode, seguido do rosnar de uma onça. Puderam então compreender, e Ricardo falou baixinho:

— Foi uma onça que pegou um bode. Você ouviu?

— Ouvi tudo. Deve estar comendo o bichinho...

— Antes a ele do que a nós...

— É claro.

— Vamos tratar de dormir...

— Eu não consigo — disse Maneca.

— Mas é preciso. Durma tranquilo; nós aqui não corremos o menor perigo... estamos seguros.

A onça continuava rosnando bem perto.

— Certamente está comendo a carne do bode — disse Maneca.

Outros miados de onça começaram a ouvir, de um lado e de outro donde estavam, uns mais perto, outros mais distantes, e puderam compreender, agora melhor, as palavras do pai que lhes dissera que ali, nas serras, estava o principal pasto das onças.

O medo invadiu-lhes todo o corpo e dominava-lhes as entranhas. Não era possível dormir numa atmosfera daquela. Desistiram de ter sono e deixaram-se ficar a escutar e ouvir miados de onças até quase o amanhecer do dia.

Quando a lua empalideceu e as estrelas desmaiaram no céu os dois compreenderam que o dia não tardaria a clarear. Mas, que diferença entre o amanhecer ali e o que já haviam visto tantas vezes em casa, lá na planície! Na serra e naquele lugar onde estavam, até as aves que anunciam a aurora são raras. Têm medo, talvez, das feras, que são as donas das montanhas. Raro era um pio de ave saudando o amanhecer.

— O dia vai clarear — disse Ricardo. — Olhe lá...

O irmão olhou. No horizonte uma linha dourada se desenhava, paralela ao verde da campina. Depois outra e mais outra apareceram. Eram as barras de ouro do nascente. Não tardou que o disco de ouro do sol aparecesse, despejando luz em abundância sobre a caatinga, e aquecendo, desde o primeiro instante, os dois pequenos escoteiros trepados na árvore.

Os meninos sorriam um para o outro, felizes.

E embora os miados e o rosnado das onças tivessem cessado há muito tempo, Ricardo ponderou:

— É bom deixarmos o sol subir mais um pouco. Vamos demorar de descer, para evitarmos um encontro desagradável.

Quando lhes pareceu que tudo estava calmo, Maneca convidou:

— Vamos, meu irmão. Estou com fome e sede. Vamos comer por aí umas frutas de mandacaru e viajar. Estou doido para chegar em casa.

— Eu sinto e penso a mesma coisa. Vamos.

Desamarraram-se e desceram.

Tinham os membros entorpecidos e o corpo todo doía de cansaço e de sono. Mas o calor do sol que no alto da serra experimentavam reanimou-os e lhes deu disposição para continuar a viagem de volta.

Subiram ao ponto mais alto da pequena colina e de lá puderam determinar o giro do clarão que tinham avistado. Aprumaram os passos naquela direção.

CHURRASCO

Do alto da colina pareceu-lhes ver na planície um pontinho branco que, pelo minúsculo que era, não podiam imaginar que fosse a casa.

— Está-me parecendo que é um boi, não, Ricardo?

— É o quê, Maneca! Aquilo é a casa... Já pensou a que distância nós estamos?

— Vamo-nos embora, meu irmão, senão o dia é pouco para chegarmos lá.

— Vamos.

E começaram a descer a Serra do Meio.

Não deram vinte passos em descida e acharam algo curioso. O resto de um veado. Estava a carne fresca, palpitante, sangrenta. A onça comera o quanto pôde, deixando ali a parte mais carnuda do animal: os dois coxões, intactos. A presa era grande e a fera não conseguiu comê-la toda.

— Temos carne para churrasco! — exclamou Ricardo. — Não faz nenhum mal nem causa nenhum escrúpulo comer carne de um animal morto por onça. Você tem nojo?

— Absolutamente, meu irmão. Onça é parente de gato, não? É animal limpo...

— Então, mãos à obra.

Ricardo tirou o facão, cortou o lado do espinhaço, separando a parte que a onça mordeu, que jogou fora, e observou que os dois quartos traseiros estavam perfeitos, sem um arranhão. Com a faca e ajudado pelo irmão tirou o pedaço da pele que revestia a carne e ergueu no ar os dois coxões do veado, bonitos e apetitosos. Dividiu-os pela espinha, como se faz normalmente, com o facão, e tratou de fazer duas mantas de carne de sol, que Maneca salgou e estendeu sobre garranchos para enxugar.

Tiraram água de um gravatá com que lavaram as mãos e os ferros. Enquanto a carne enxugava um pouco, trataram de arranjar lenha para fazer um fogo.

A lenha, embora seca, demorou de pegar fogo, pois estava molhada da chuva. Mas os meninos dividiram-na em taliscas bem finas, com que conseguiram as primeiras labaredas; e em breve estavam com um bom fogo para assar carne.

— Já se lembrou do que ouvimos à noite? — perguntou Ricardo.

— O berro do bode?

— Sim.

— O veado berra do mesmo jeito, não?

— Claro. Aquele berro foi do veado, não de bode.

— Só assim nós teríamos um churrasco de veado para hoje, não?

Enquanto conversavam, o fogo crepitava. Tiveram que aguardar um bom pedaço, enquanto a lenha queimava o suficiente para que houvesse brasas bastantes. Durante esse tempo, saíram os dois um pouco ao lado para se aquecerem ao sol.



Enquanto a carne enxugava um pouco, trataram de arranjar lenha para fazer um fogo.

— Devíamos ter saído deste lugar — ponderou Ricardo.

— Por quê? — perguntou Maneca.

— Agora é que me lembrei de que os caçadores dizem que a onça, quando não come duma vez a presa toda, volta depois, quando dá fome, para comer o resto. Devíamos ter ido fazer o churrasco adiante.

— Mas, já agora — arbitrou Maneca que estava com muita fome — não adianta. Vamos assar aqui mesmo.

— Também, eu acho que a onça não vai ter fome tão cedo. O veado era grande e ela

comeu mais da metade.

— Perfeitamente. Não devemos ter receio...

Tranquilizaram-se. Com as facas fizeram dois espetos, depois enfiando neles cada um um bom pedaço de carne, vieram assá-la. Tiraram e lançaram fora os tições, espalharam um pouco as brasas e arranjaram como sobre elas colocar os churrascos. Em poucos minutos o cheiro agradável de carne assada recendia no cume da serra, evolvendo-se em tênue fumaça que o vento levava e desfazia de encontro às ramagens da caatinga.

Antegozavam o prazer daquela refeição, quando um rumor estranho lhes chegou aos ouvidos. Ricardo pôs-se de pé para escutar melhor. O irmão percebeu-lhe a atitude de escuta e imitou-o, levantando-se também.

O ruído repetiu-se e os dois se entreolharam assombrados. Sem demora, largando as capangas e os cantis, buscaram salvar-se.

— É a onça! — murmurou, exclamando, Ricardo.

— Uma árvore? — perguntou Maneca.

E sem esperar resposta partiu, seguido do irmão.

A primeira árvore que lhes pareceu boa não distava muito, para o lado oposto àquele onde ouviram o barulho. Correram para ela com rapidez incrível que só o medo era capaz de provocar.

— Perdemos o churrasco! — exclamou Maneca.

— Esqueça o churrasco e corra, meu irmão!

O ruído se aproximava...

Era tarde.

A BUSCA

Na fazenda, dois dias antes, o Senhor Domingos e Dona Mariana começaram a preocupar-se quando os filhos não compareceram para o almoço. Aguardaram até mais de uma hora da tarde, quando consideraram que já não era possível esperar mais.

Depois do almoço, o pai, a pretexto também de dar um passeio, convidou o filho mais velho:

— Vamos andar um pouco, por aí?

— Vamos, meu pai.

Saíram. Tomaram a estrada que, saindo da casa na direção norte, vai ter ao rio Caraíba. Andaram durante mais de uma hora, quando, não vendo nenhum vestígio, voltaram para casa. Chegaram mais de três e meia da tarde. Recebeu-os a família com tristeza, tristes também eles por verem que os meninos não tinham chegado.

A tristeza de uns se uniu à dos outros e transformou-se em medo.

Mais tarde chegaram da caça Zé Pequeno e Alexandre. Isac, que tinha ido tirar cascas de angico, chegou também. Estavam todos em casa de Nicolau. O fazendeiro foi procurá-los.

— Vocês sabem que Ricardo e Maneca desapareceram? — foi dizendo sem rodeios e sem amenizar as palavras.

— Que tá dizendo, patrão? — interrogou, assombrado, Zé Pequeno.

— Não é possível, Seu Domingo! — exclamou Alexandre.

— É verdade. Saíram de manhã cedo e ainda não voltaram.

— Seu Nicolau — pediu Zé Pequeno — vosmecê mande Dona Zefinha cuidar dessas caça, que eu e Seu Alexandre vamos sair. — E voltando-se para Alexandre: — Vamo, Seu

Alexandre. Água, rapadura e farinha e vamos embora.

Prepararam as capangas, encheram de água as borrachas, e desapareceram sem se despedir de ninguém.

— Que é que eu faço, Nicolau? — perguntou, desorientado, o pai dos meninos.

— Tenha calma, patrão, Deus é grande — respondeu o vaqueiro.

— Meu pai — disse, pensativo, Alfredo — antes de nos afobarmos, vamos pensar e traçar um plano.

— Mas está ficando tarde, meu filho; daqui a pouco é noite. Você já imaginou seus irmãos pequenos perdidos nestes matos, nestas brenhas que têm de tudo?

— Sim, meu pai. Mas, acima de tudo a fé e a razão. Sem estes dois sustentáculos, nada feito. A fé nos aconselha coragem; e a razão nos manda pensar num plano para sairmos donde estamos. Vamos organizar a busca.

— Onde está Zé Pequeno? E Alexandre? — perguntou o pai, saindo a olhar.

— Eles já tão no mato, Seu Domingo — foi a resposta de Isac. — E eu também já vou.

Isac já estava de pé com uma foice às costas. Sem mais demora saiu.

— Meu pai, o Senhor fica com a mãe e as meninas, que eu vou com Nicolau e Aurélio pedir ajuda nas fazendas vizinhas. Vamos convocar gente para espalhar pelas caatingas.

— Vá, meu filho. Montem a cavalo e vão.

Já Aurélio chegava com Gérson, filho de Isac, puxando três cavalos. Puseram selas rapidamente e montaram os três. Saíram a galope levantando poeira. Neste momento chegavam Dona Mariana com as filhas. Vinham tristes demais; já tinham chorado. Recebeu-as Zefinha e foi conduzindo-as para dentro.

— Gérson — chamou o Senhor Domingos — venha cá. Vamos carregar aqui uns paus. Vamos preparar uma fogueira.

Nicolau havia desfeito uma cerca velha que existia de um lado da malhada; as estacas lá ficaram espalhadas. Os dois carregaram-nas ao ombro para um lugar conveniente e arrumaram-nas em pilha, no terreiro da casa-grande, onde morava a família.

A tarde esfriava. O sol já se aproximava da linha do horizonte, por cima da Serrota. Na fazenda o medo se convertia em pânico e a apreensão dos pais se transformava em desespero. O Senhor Domingos, terminado o trabalho da madeira, lançou-se a pé pela estrada de Geremoabo, que sai pela direita da casa, e desapareceu. Acompanhava-o, atrás, o pequeno Gérson, confortando-o com sua presença e esperando dele alguma ordem.

Andaram muito e quando se desenganaram de encontrar os meninos, pararam.

— Vamos voltar, meu filho — disse o Senhor Domingos ao caboclinho. — E seja o que Deus quiser.

Nisto ouviram o tropel de animais que vinham em sentido oposto. Olharam. Eram três cavaleiros. A um aceno do Senhor Domingos, pararam.

— Não encontraram por aí dois meninos perdidos?... — perguntou.

— Perdidos? — perguntou um dos três, cortando-lhe a palavra.

— Sim. São meus filhos. Saíram pela manhã e até agora...

— Conte com a gente. Nós vamos ajudar a procurar os meninos — disse um deles, que parecia liderar o grupo. E voltando-se para os outros dois: — Vamos, pessoal; não podemos perder tempo.

Deram rédeas aos animais e partiram em direção à casa da fazenda.

Quando o Senhor Domingos e o menino Gérson chegaram em casa não os encontraram. Tinham ganhado o mato.

A noite vinha chegando.

Alfredo, acompanhado de Nicolau, chegou com um séquito de cavaleiros: Pedro Damasceno, Zé Dias, João da Pedra, João do Cedro, Manuel da Boa-Vista, Zequinha da Lagoa-do-Velho, Maurício e outros encheram o terreiro da casa. Apenas cumprimentaram a família, dispersaram-se pela caatinga.

Logo chegou Aurélio, e com ele vieram Coló, Virgílio e o filho João, Zé do Caíma, João do Mari e mais uma dezena de outros, na maioria desconhecidos, mas que nesta hora são solidários na dor como se fossem irmãos dos meninos. Partiram em direções diversas, internando-se nos matos na escuridão da noite.

O Senhor Domingos, ajudado por Gérson, acendeu a fogueira. A madeira, seca do sol e boa de fogo como o é, em geral, o mato das caatingas, logo começou a crepitar, e as labaredas se elevaram a alguns metros de altura.

No céu as estrelas piscavam.

DIA DE JUÍZO

Ninguém jantou na fazenda, nesta noite. Dona Mariana e as filhas apenas tomaram uma sopa. O Senhor Domingos só tomava café.

Andando na malhada, de uma casa para outra, à luz inquieta da fogueira, era bem a figura do desespero, vencido pela dor. Não procurava ninguém, não parava senão para lançar mais lenha na fogueira: falava sozinho, palavras que ninguém ouvia. De vez em quando respirava fundo e cravava o olhar nas trevas da caatinga, na vã esperança de avistar os dois meninos. Mas as trevas não lhe devolviam os entes queridos.

Lá pelas tantas da madrugada, ia alta a lua, divisou vultos que se moviam na penumbra. Eram os primeiros cavaleiros que voltavam.

Ao clarão da fogueira pôde ver que eles não traziam os meninos. Não foi preciso que dissessem nada.

Entre os cavaleiros chegados vinha Alfredo. O único que teve coragem de falar:

— Pai, não desanime. Meus irmãozinhos estão vivos. Eles são escoteiros, saberão defender-se. Se fosse eu, garanto que não morreria.

— Mas você é um homem, meu filho; e eles são umas crianças.

— Crianças, mas o senhor viu que eles já estão acostumados a andar pelos matos caçando passarinhos e fazendo armadilhas. Eles já conhecem muito da caatinga.

— Queira Deus estejam vivos, meu filho!

— Estão, sim, meu pai; eles não morrerão só assim. Eles saberão defender a vida...

O Senhor Domingos não pôde mais continuar a conversa. Soluçava abraçado ao filho mais velho.

Dentro de casa as mulheres rezavam.

Os cavaleiros foram chegando aos grupos, todos com a mesma aparência triste, o desânimo estampado no rosto de cada um.

Por fim, chegaram Pedro Damasceno e Isac.

— Não achou não, pai? — perguntou Gérson.

— Não, filho. Mas é isso mesmo. De noite não é fácil. Amanhã nós vamo ver. Deus é grande.

— Pedro! Seus amiguinhos estão desaparecidos! — exclamou, em prantos, o Senhor Domingos.

O vaqueiro levou a mão espalmada aos olhos e não pôde conter as lágrimas.

— Seu Domingo — mal pôde balbuciar ovaqueiro gigante — Deus é pai. Vamo confiar nele.

A religião, naquelas mentes rudes e simples, era, além de uma convicção, um bálsamo para a dor, e a salvação para o desespero.

As labaredas da fogueira já diminuíam. No céu a lua e as estrelas empalideciam. A aurora já se anunciava com uma ligeira brisa que soprava e os primeiros clarões que apareciam.

As portas das casas não se fecharam naquela noite.

O sol veio encontrar a malhada cheia de cavalos e cavaleiros. Uns sentados pelo chão, em grupos, fumavam e traçavam planos; outros, com a cabeça encostada à sela, no chão, cochilavam; outros, ainda, andavam sem direção, arquitetando planos de busca aos meninos. Todos tinham só um pensamento — encontrar os meninos.

O Senhor Domingos e a família, sentados na varanda da casa de Nicolau, não diziam palavra.

— Pessoal! — gritou, com voz forte, o vaqueiro. — Vamo tomar uma xícara de café e vamo-nos embora.

Quem estava dormindo, acordou; quem estava sentado, se ergueu; e todos atenderam ao chamado. Ninguém comeu: todos tomaram uma xícara de café e trataram de montar.

— Isac — chamou o Senhor Domingos — onde está Zé Pequeno? E Alexandre?

— Esses home são uns bicho, Seu Domingo. Eles não voltaram nem volta. Eles só vêm com os menino, vivo ou morto. Vosmecê vai ver. Nem espere que eles não vêm cá sem os menino — foi a resposta de Isac.

O Senhor Domingos saiu à porta e olhou, sob o telheiro do alpendre, a multidão de cavaleiros. Nem pôde contá-los. Havia mais de cinquenta. Todos tinham deixado seus afazeres, suas fazendas, suas famílias, e acorrido, incondicionalmente, ao apelo do pai desesperado. Todos tinham em mente um só objetivo: encontrar os meninos, salvá-los e entregá-los à família.

— Pronto, minha gente! — foi o grito de Nicolau.

A resposta foi todos montarem e partirem, em raios divergentes, em todas as direções.

“Deus os ajude, que tragam meus filhos”, foi o voto que murmurou, para dentro do peito, o pai aflito.

Na fazenda a desordem era completa. Nem se fechavam as portas das casas, nem se fechavam as porteiras dos currais. Não havia quem arreasse uma rês para tirar leite; não havia almoço nem jantar, porque ninguém tinha fome nem apetite para comer o que quer que fosse.

Nicolau e Aurélio não dormiam nem ligavam para nada de suas obrigações. O gado estava à toa.

Nas fazendas vizinhas a desordem era a mesma. Os vaqueiros saíram e ninguém voltou.

As mulheres das fazendas mais próximas, abandonando aos filhos as tarefas de casa, acorreram todas, a confortar, com sua presença, a mãe aflita e as irmãs desvairadas.

Todos vivem em função da dor da família da fazenda “Gravatá”.

Dona Mariana e as filhas recebem como podem a visita das esposas cujos maridos estão pelos matos na busca sem trégua.

— Nós não temos para lhes oferecer senão lágrimas e dores — disse Dona Mariana à esposa de Pedro Damasceno e outras, que chegavam.

— Não se incomode, patroa — disse. — Nós estamos aqui para distrair um pouco a senhora.

— Muito obrigada. Sentem-se aí como puderem.

E assim se passou aquele dia.

— Foi um “dia de juízo”, meu “velho”! — exclamou Dona Mariana, abraçando o marido.

— Eu já começo a perder a esperança, minha “velha” — respondeu ele no mesmo tom.

E as lágrimas dos dois se misturaram.

A noite vinha caindo.

VESTÍGIOS

Zé Pequeno e Alexandre desapareceram. Saíram juntos a princípio, mas logo no fim da malhada combinaram: — Vosmecê vai na direção do rio Caraíba, Seu Alexandre; depois volta no giro da Lagoa Grande; eu vou aqui pro pé da Serra do Gravatá; depois vou pelo pé da serra na direção da Serra do Capitão. Lá nós dois se encontra. Tá bem assim?

— Tá, cumpade. Onde anoitecer nós dorme e amanhã continua, tá certo?

— Vosmecê não sabe? Tá certo. Ninguém volta.

— Té logo, cumpade.

— Té logo. Seu Alexandre. Boa sorte.

Despediram-se os dois, desejando felicidade um ao outro, e desapareceram.

A noite surpreendeu Zé Pequeno no pé da Serra do Gravatá.

Alexandre chegou até a margem do rio Caraíba. Nem um nem outro viu qualquer indício da passagem dos meninos.

A pé, como andavam, era-lhes impossível prosseguir. Já não enxergavam nada dois metros adiante, e o trançado dos matos era medonho. Um e outro resolveram dormir, conforme o combinado. O trato era de se encontrarem na ponta da Serra do Capitão. Segundo o cálculo dos dois, cortando os matos naquelas direções tinham em vista cruzar os rastos dos meninos, e assim, achar-lhes a pista. Era conveniente, portanto, não andar à noite, para não passarem pelo rasto dos dois meninos sem o ver. Deixar para o dia seguinte era o melhor.

Treparam em árvores e passaram a noite. Zé Pequeno, donde estava, num plano um pouco elevado acima da caatinga rasa, pôde ver a fogueira ateadada pelo Senhor Domingos.

“Aquilo é um aviso”, pensou consigo mesmo e disse cochichando, “e é bom, porque se vê de longe...”

O dia clareou.

Tanto Zé Pequeno quanto Alexandre, logo que puderam enxergar bem o chão onde pisavam, desceram de suas “redes” de cipó e continuaram a marcha pela caatinga.

O rastejar é uma arte, e quem não tiver paciência não é capaz de executá-la. Não é só o chão que mostra indícios da passagem de alguém. Folhas arrancadas de um galho verde de mato, um ramo qualquer quebrado no ar ou deslocado de sua posição natural, pedras deslocadas que mostrem uma face que estava em contato com a terra — tudo são sinais que mostram ao rastejador, como uma página escrita, que por ali passou alguém.

Essa meticulosidade que o bom rastejador precisa ter rouba-lhe um tempo muito grande e exige do homem uma paciência inesgotável. Por isto o serviço do rastejador é lento, quase sem nenhum progresso às vezes.

Zé Pequeno e Alexandre, acostumados a rastejar caititu e veado nas campinas, sabiam o que estavam fazendo, e tinham certeza de que, se os meninos tivessem andado por onde eles estavam passando, seu rasto seria descoberto.

As horas do dia se escoaram no trajeto que ambos faziam com o objetivo de se

encontrarem no sopé da Serra do Capitão.

Alexandre cruzou a estrada da Lagoa Grande e agora aprumou os passos na direção da Serra. Não andou um quilômetro quando parou e sorriu sozinho, de felicidade.

Umas pedrinhas deslocadas no chão foram para ele uma frase clara:

“Os menino passaram aqui... É rasto dos dois...” murmurou consigo mesmo. “Vão direito pra Serra. A Deus querer nós acha eles já...”

Olhou a direção em que iam e acompanhou os indícios sem a menor preocupação.

“É pena que o dia já vai findando... Se eles subiram nós não acha eles hoje...” disse baixinho.

Saiu no Boqueirão. Acompanhou os passos dos meninos e viu que eles ficaram em pé, algum tempo, perto da “santa-cruz” do bandido. E novamente a trilha tomou a direção da serra.

“Não há dúvida: eles subiram a serra... Tá danado...”

Anoitecia, mas Alexandre ainda chegou ao pé da Serra do Capitão e viu o lugar onde os meninos estiveram sentados.

“Com certeza descansaram um pouco antes de começar a subir...”

Alexandre não pôde mais continuar; estava escuro. Também o trato com Zé Pequeno era de um esperar pelo outro, e subirem juntos.

Só agora ele teve fome e se lembrou de comer um pedaço de rapadura com farinha.

Comeu, bebeu água e aguardou.

Não demorou muito e ouviu as pisadas de alguém que se aproximava sem cautela.

— Pode chegar, cumpade — disse Alexandre, erguendo-se do chão.

— Eu vinha no rasto de vosmecê. Seu Alexande. Vosmecê já vem também no rasto dos menino. Eles subiram a serra. É o que eu penso.

— É, cumpade. Eu tenho a mesma ideia.

— Mas nós não sobe mais hoje. Quem entra nesse trancado de noite?

— E mesmo nós temo que ir na pista. Só quando o dia amanhecer. Vosmecê coma alguma coisa que eu já comi. E vamo passar a noite aqui. Amanhã nós sobe e acha os menino, se Deus quiser.

— É, Seu Alexande, eu creio que nós tamo perto deles. Aqui em cima eles não andaram muito...

— Eu só tô com medo de uma coisa, cumpade.

— Já sei o que é. Aqui é o pasto das onça.

— É isso mesmo. Se eles não souberam se defender nós vamo ter a maior dor do mundo...

— E vai morrer mais gente, Seu Alexande. A família não resiste. ..

— E vosmecê viu como tá o pobre do Pedro Damasceno? O home tá quase doido... Chora que nem menino apanhado...

— E não é pra menos. Os menino fizeram muita amizade com ele.

— Olha lá o clarão vermelho. É a fogueira outra vez.

— Vamo ver se nós cochila.

E os dois se acomodaram no chão mesmo, fazendo das capangas travesseiro, a espingarda entre os braços, pronta para qualquer eventualidade.

Quando o sol clareou o suficiente para que enxergassem o chão e lessem nele o rasto dos meninos, os dois caçadores se levantaram. Estiraram os braços no ar para desentorpecê-los, retomaram as capangas e as espingardas e rumaram na direção da Serra do Capitão.

A pista era clara.

— Os menino subiram aqui, cumpade — disse Alexandre, que ia na frente.

— Tá-se vendo bem, Seu Alexande. Olhe aí: romperam o trancado de facão e abriram caminho...

— Meninos danado, cumpade!

— Vamos puxar, Seu Alexande. Isso aqui é pasto de onça. Vosmecê ouviu os miado de noite?

— Ouvi, cumpade. Vamo puxar.

Os meninos, com seus facões, tinham aberto verdadeira trilha no seio da mataria da Serra do Capitão, de tal modo que Zé Pequeno e Alexandre não tiveram necessidade de cortar um cipó, sequer, para abrirem passagem. Por outro lado, os cipós e macambiras cortados eram uma pista segura que lhes dava certeza, aos caçadores, de que os dois meninos iam em sua frente.

Não demorou muito que saíssem no velho caminho abandonado do cruzeiro, por onde eles, e agora os caçadores, subiram com facilidade até o cume da serra. Lá, um sinal positivo da estada dos meninos: o chão estava pisado por eles em todas as direções.



- Aqui eles descansaram, cumpade — disse Alexandre.
- Fizeram fogo, assaram carne... Olhe o espeto...
- Foi. Comeram aqui antes de continuar. Tiveram sentado nessas pedra...
- São uns menino danado! Onde é que eles aprenderam tudo isso?
- São danado mesmo, cumpade. Sabem de tudo...
- Vamo-nos embora. Os menino corre perigo.

Desceram a serra por onde a pista indicava que passaram os pequeninos aventureiros.

Saíram na baixa onde os meninos se perderam. Vendo os rastos que se dirigiam para os dois lados, julgaram mais lógico que eles tivessem ido para a direita, que seria, mais ou menos, a direção da casa. Enganaram-se porém; a pista acabava adiante, barrada pela montanha que interceptava o vale, e os rastos voltaram no sentido oposto. Os caçadores, invencíveis na resistência física e na paciência, voltaram também. Na ida, como na volta, viram

o cangaço da cabra, comida até metade.

Continuaram a busca terrível. Perceberam que os rastos não eram daquele dia. E, portanto, os meninos deviam estar algumas horas na frente.

— Cumpade, vamo apertar o passo. Eu tou com medo desses menino...

— Seu Alexande, por Nossa Senhora, não me fale! Vamo varar catinga senão nós chega tarde.

Apressaram realmente o andar, perlongando o vale até que os rastos dos meninos desapareceram e subiram a serra.

Passaram por onde eles comeram ovos de jacu... Lá estavam as cascas.

— De fome esses menino não morre.

— Nem de sede: já beberam muita água de gravatá...

Os rastos subiam para o cume da Serra do Meio. Os rastejadores não titubearam: subiram também.

“Aonde iriam esses meninos?” perguntavam-se no íntimo sem dizerem palavra. E não achavam resposta.

— Eu não disse que de fome eles não morre? Aqui comeram fruta de mandacaru... Esses menino!

— E vosmecê já viu pra onde é que eles tão indo? — perguntou Zé Pequeno.

— Já, cumpade. A “Gruta dos Cangaceiro” tá aqui perto.

E não tardaram mesmo de encontrá-la. No limpo em frente à gruta estava tudo “escrito”: os meninos andaram por ali em diversas direções, sentaram-se numas pedras, comeram frutas de mandacaru.

Viram tudo, depois tomaram a direção da esquerda da gruta, por onde seguiram os passos dos meninos.

— Vamo puxar, cumpade, que os menino tão aí.

— Vamo, Seu Alexande.

E romperam a caatinga densa.

Em uma hora aproximadamente, chegaram a um ponto onde o cabelo dos dois caçadores se arrepiou. Pararam olhando o chão, depois se entreolharam estarecidos. Ficaram uns instantes como petrificados, olhando um para o outro e olhando o chão, sem coragem de dizer um ao outro o que viam e o que pensavam. No chão, rastos de onça se misturavam com os rastos dos meninos.

— É triste, cumpade Zé Pequeno!

— Mas é a verdade. Seu Alexande!

— Ela vai aí perto, cumpade; o rasto é fresquinho. Vamo prestar atenção que nós atira nela...

Falavam cochichando, com medo de ser ouvidos pela onça. Não queriam perder a oportunidade de vingar a morte dos meninos...

Alexandre ia na frente, mais cauteloso que um gato. Zé Pequeno o acompanhava de perto. Andaram assim durante uma meia hora, quando Alexandre, fazendo um sinal com a mão esquerda, levantou a espingarda com a direita e em fração de segundo mirou e atirou. Num pulo de gato saiu da frente, pois viu que a onça, atingida pelo tiro, vinha de lá para pegá-lo. Zé Pequeno já a esperava: um tiro certo no peito da fera fê-la cair pesadamente no solo, onde ficou se estrebuchando.

Quando parou de mexer, os dois se aproximaram.

Zé Pequeno baixou os olhos atentamente sobre a fera, reparou com cuidado as patas e passou a mão nas mandíbulas da onça; e, olhando para Alexandre com os olhos rasos de

lágrimas, simplesmente disse:

— Nossa suspeita, Seu Alexandre...

As patas e as mandíbulas da onça estavam tintas de sangue, o sangue dos meninos, devorados por ela.

A ONÇA CRIMINOSA

Seriam doze horas aproximadamente, quando Zé Pequeno e Alexandre mataram a onça. Tanta raiva tiveram daquele animal que o abandonaram ali, para que apodrecesse. Nem o couro quiseram tirar. Era uma onça suçuarana, grande, onça velha, criada naquele ermo, senhora daquela serra e daquelas brenhas.

— Essa não come mais menino nem dá trabalho mais a ninguém — disse, vingado, Alexandre.

— E que notícia é que nós vamo dar na fazenda, Seu Alexandre?

— Cumpade, eu não sei. Vamo ver se nós acha resto das criança... Nós não pode chegar de mão vazia...

— Vamo, Seu Alexandre...

E os dois saíram quase sem enxergar nada, com os olhos cheios de lágrimas, a voz embargada pelos soluços, chorando como duas crianças.

Os dois meninos eram o encanto da família. Sempre muito unidos, brincavam sempre juntos, nunca brigavam, tinham prazer de se ajudarem mutuamente. Irradiavam simpatia em qualquer ambiente onde entravam.

Na fazenda “Gravatá” eles tinham conquistado a simpatia e a amizade de todos. Simples como eram, participavam das conversas, das refeições, das lutas dos vaqueiros e com isto conseguiram deixar profundamente gravada na lembrança de todos, uma imagem angélica de bondade e candura que a todos cativou.

Zé Pequeno, Alexandre, Pedro Damasceno, Isac, todos tinham verdadeira loucura pelos dois meninos.

Pode-se por isto avaliar a dor dos dois caçadores naquele momento.

Saíram dali com a alma despedaçada, e iam despreocupados, já sem evitar barulho, pois não tinham mais precauções a tomar.

Um silêncio terrível os acabrunhava a ambos.

Zé Pequeno, o Pai do Mato, como mais conhecedor que era das caatingas, ia agora na frente, vexado para sair dali.

Parou de repente e levou a mão ao peito para abafar a dor que sentia; olhava fixamente o chão, sem querer acreditar no que via. Alexandre chegou e ficaram ambos parados alguns minutos. Depois, sem dizerem palavra um ao outro, apanharam no chão as capangas e os cantis dos meninos. Levá-los-iam como troféu — triste relíquia dos dois pequeninos trucidados pela onça.

Continuaram a andar sob o peso da maior dor que já sentiram.

Aqueles homens guardavam, dentro daquela aparência rústica, embrutecida pela rudeza da vida que levavam, uma alma nobre, rica de sentimentos os mais delicados, os mais puros.

Não deram muitos passos, Zé Pequeno deu com a mão um sinal a Alexandre, e parou. Levantou um pouco a cabeça e aspirou fundo o ar.

— Um cheiro de fumaça. Seu Alexandre...

Não acabou de dizer a frase.

Da copa de uma árvore os dois meninos gritavam como loucos, no meio de um pranto de alegria que não há palavras que possam traduzir. Abraçaram-se os dois num riso convulso, os rostinhos lavados de lágrimas, colados um ao outro.

Os dois caboclos caçadores pararam, extáticos, a olhá-los.

— Deus é grande. Seu Alexandre!

— É infinito e bom, cumpade, e ninguém pode entender...

Só então correram para a árvore a ajudar os meninos a descer de lá. E se interrogavam com os olhos...

O churrasco ardia no fogo. Eles o viram e não entenderam nada. Por cima de uns garranchos, estendida, uma manta de carne secava ao sol...

Chegaram ao pé da árvore, donde os meninos já procuravam jeito de descer.

— Desçam daí, por Nossa Senhora! — gritou, enquanto enxugava o rosto, Zé Pequeno.

— Já vamos, Pai do Mato — gracejou Maneca.

— Vosmecês quase mata todo mundo de avexame — reclamou Alexandre. — Desçam daí e vamo pra casa.

Os dois já chegavam embaixo. E abraçaram-se os quatro num conjunto só, durante alguns minutos.

— Mas antes vamos comer que nós estamos mortos de fome — disse Ricardo.

— E nós, cumpade, que tamo há três dia sem comer?

— Aqui temos comida que dá para todos — disse Maneca. — A onça foi quem nos ajudou...

Só agora os caçadores compreenderam: o sangue nas patas e nas mandíbulas da onça era do veado cuja carne os meninos estavam assando.

— Mas vosmecês se arriscaram muito. Onça costuma voltar pra comer o resto que ela deixa... — disse Alexandre.

— Nós sabemos disto. Por isto foi que, quando nós ouvimos barulho nos matos, pensamos que fosse a onça.

— Não era a onça porque ela nós matemo ali atrás. Foi a sorte de vosmecês. Mas ela já vinha...

Os meninos puderam avaliar o risco que correram.

— Cumpade — disse Alexandre — vou mudar de ideia. Vou tirar o couro da onça.

— Agora não — interveio Maneca — vamos todos almoçar; depois todos vamos lá, que eu quero ver de perto a onça. Deve ser um animal bonito.

— Tá certo, meninos, vosmecês é quem manda. Mas não podemo demorar — concluiu Zé Pequeno.

E tinha razão: era tarde.

E logo fizeram, ele e Alexandre, mais dois espetos. Tiraram dois pedaços da carne que secava e puseram para assar. Enquanto isto, falou Alexandre:

— Agora vosmecês nos conte a história toda.

Os meninos sentaram-se com eles e narraram tudo resumidamente, sentindo o cheiro do churrasco que assava.

— Vamos comer — convidou Ricardo.

Almoçaram bem. Nunca os quatro tiveram tanto apetite.

Alexandre e Zé Pequeno ainda tinham rapadura que dividiram com os meninos. Dividiram também a água que ainda restava nas borrachas. Eles beberiam água de gravatá, a que estavam acostumados.

Dali foram tirar o couro da onça, que levariam como troféu.

Tudo tinha, para os meninos, o sabor da novidade.

Enquanto manejavam as facas tirando o couro do felino, contavam aos pequenos escoteiros como deviam ir as coisas na fazenda, e como eles, caçadores, puderam chegar até ali.

O sol já pendia quando terminaram o trabalho.

RUMO À FAZENDA

A alegria, no cume da Serra do Meio, era completa. Os dois meninos sentiam-se seguros ao lado dos dois caçadores, como se estivessem em casa. Os dois homens do campo se consideravam os mais felizes do mundo por serem os achadores dos meninos, felizes por levá-los sãos e salvos e entregá-los aos pais.

Zé Pequeno, “Pai do Mato”, conhecedor daquelas brenhas como das palmas das mãos, ia na frente, em busca da trilha, tão sua conhecida, que vai ter ao desfiladeiro do Boqueirão. Seguia-o de perto Ricardo; depois vinha Maneca; Alexandre, na retaguarda, completava o grupo. Andaram assim, a um de fundo, em fila indiana, a melhor maneira de andar nas estreitas veredas do sertão.

Desceram a encosta com relativa facilidade e saíram no desfiladeiro, entre a Serra do Meio, que deixavam, e a Serra do Gravatá, que se erguia em frente.

— Indo por aqui, meninos, nós vamo sair perto do Boqueirão — disse Zé Pequeno.

— Cumpade, me dê esse couro pra eu levar um pouco... — pediu Alexandre.

Zé Pequeno atendeu. Tinha assim mais livres as mãos para abrir melhor passagem com o facão.

A mataria adensava de vez em quando, e as dificuldades de andar cresciam.

Na saída do desfiladeiro uma surpresa os esperava. Já de longe avistaram um cavaleiro parado, completamente imóvel: o cavalo não dava um passo, e o cavaleiro, sustentando as rédeas na mão, com os braços parados, pousados sobre o cabeçote da sela, apenas movia a cabeça para um lado e para outro, lentamente, como quem olha no vazio, pensando no infinito.

Avistaram-no e andaram na direção dele, sem chamar-lhe a atenção. Não precisaram avançar muito para o reconhecer, pelo agigantado da estatura...

Os matos, saindo ali do desfiladeiro, eram de uma capoeira baixa, sem árvores, de raros arbustos. Por esta razão a figura do cavaleiro apareceu clara aos olhos de todos.

Ricardo e Maneca não se contiveram: partiram na carreira na direção de Pedro, cujo cavalo se espantou e despertou o cavaleiro de seus profundos pensamentos.

— Damasceno! — gritaram os dois a um tempo.

Já estavam bem perto.

— Meus amiguinhos! Graças a Deus! — exclamou o vaqueiro-gigante. E, suspendendo-os no ar, rodava para um lado e para outro, chorando como criança, de satisfação e surpresa.

Zé Pequeno e Alexandre chegaram de mansinho e ficaram apreciando a cena, comovidos.

Por fim, Pedro Damasceno depôs os dois meninos no chão e abraçado a eles, falou aos caçadores:

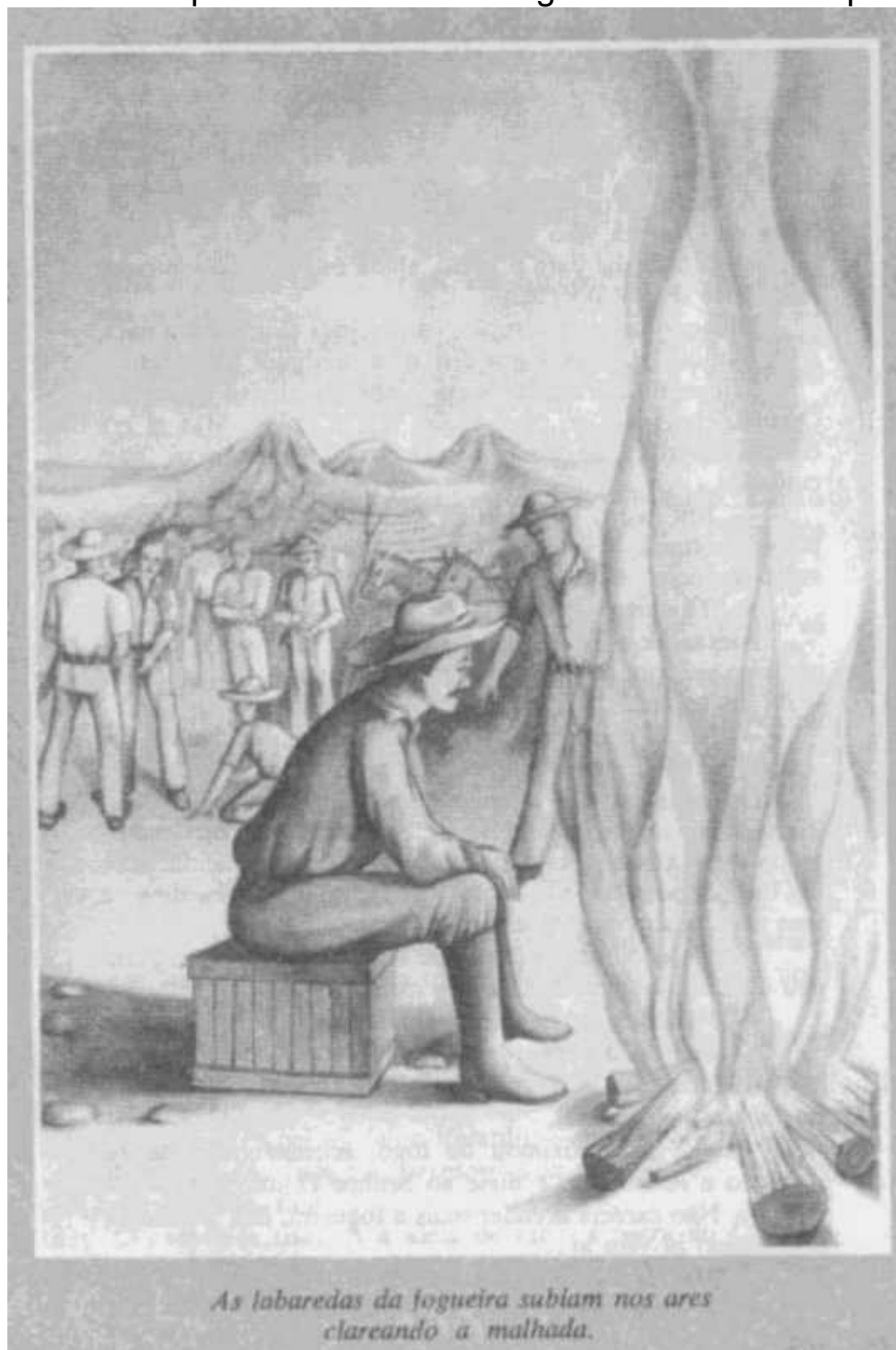
— Vosmecês são uns heróis! Eu sabia que se eles tivesse vivo vosmecês achava. Foi dito e feito. Esses menino deve tá morto de fome, de sede e de cansaço, não?

— De fome e sede, não, Seu Pedro — disse Alexandre. — Nós almoçamo churrasco e bebemos água. Mas o cansaço deles é grande.

— Mas agora acabou o cansaço: eles vão montado no meu cavalo. Eu não esperava ter essa felicidade mais nunca na minha vida!... Mas Deus é grande. Vamo-nos embora fazer os outro feliz também...

E, apanhando os dois meninos do chão, pô-los na sela e na garupa e foi puxando o animal pela rédea. Alexandre e Zé Pequeno iam na frente, conversando; Pedro Damasceno de vez em quando olhava para trás, como para ver se era realidade o que estava acontecendo, e sorria para os meninos, com aquele seu sorriso no canto da boca, que os meninos achavam tão simpático e a que correspondiam calorosamente.

— Vamo por aqui, Seu Alexande, que a gente chega mais depressa. Vamo pegar a estrada da Serra do Gravatá que nós sai no olho-d'água — disse Zé Pequeno.



*As labaredas da fogueira sublam nos ares
clareando a malhada.*

— Assim nós chega por detrás da casa de Nicolau — respondeu Alexandre.

— Depois é. É o caminho mais curto.

Tomaram aquela direção, seguidos de Pedro Damasceno que puxava o cavalo.

A tarde esfriava. Donde eles iam, sob a sombra da Serra do Gravatá, não viam mais o

sol. A planície, porém, que se estendia daí para o norte, ainda estava aclarada pelos raios frios do sol poente.

Olhando naquela direção, os meninos avistaram a casa, alva, iluminada ainda, numa distância de alguns quilômetros.

Saíram na estrada da Serra e por ela abaixo desceram. Quando chegaram ao olho-d'água era já noite. Mas aí era estrada aberta, por onde não havia mais tropeços nem cuidados.

— Seu Pedro — falou Zé Pequeno — nós dois vamo puxar na frente e vosmecê vem com os menino atrás. Nós vamo anunciar adiante, mode preparar o pessoal.

— Tá certo. Podem ir.

Alexandre e Zé Pequeno apressaram o passo e desapareceram em pouco tempo. Pedro continuou na andadura lenta do animal.

— Tamo chegando — falou aos meninos. — Vai ser a noite mais feliz que essas catinga já viram.

Os meninos não responderam. Estavam pensativos. Tinham em mente uma série de perguntas que certamente todos lhes fariam. Sentiam também a responsabilidade de um ato impensado que tanto sofrimento havia causado a seus pais, a seus irmãos e a tanta gente amiga.

Damasceno chegou pelo lado da casa de Nicolau, prendeu a rédea na cerca e disse aos meninos:

— Não desçam nem façam barulho.

— Sim — disseram os dois.

As labaredas da fogueira subiam nos ares clareando a malhada.

Nicolau se aproximou do fogo, acompanhado de Zé Pequeno e Alexandre, e disse ao Senhor Domingos:

— Não carecia acender mais a fogueira, Seu Domingo. Os menino já vêm aí...

— Meu Deus! Não é possível!

— Ê, nhor sim.

— Mariana! — gritou — Alfredo! Meninas! Meus filhos chegaram!

Pedro Damasceno foi chegando, trazendo nos braços os dois meninos que entregou à família. O pai abraçou os dois nos braços de Damasceno, como estavam, soluçando, num pranto incontido. A mãe, Alfredo e as irmãs que chegaram correndo, acompanharam o pai no choro.

O sentimento contagiou a todos, e na malhada, transformada agora numa praça em concentração, não houve quem não chorasse.

A multidão, que era incontável, se concentrou no meio da praça, em torno do grupo formado por Pedro Damasceno e os meninos, que a família — pai, mãe e irmãos — pegava para certificar-se de que eram eles mesmos que ali estavam.

Mas, finalmente, passado o primeiro instante, a mais forte emoção, aquele aperto foi-se afrouxando e Pedro pôs os meninos no chão.

Isac foi o primeiro a falar:

— Eu não disse, seu Domingo, que esses home só voltava com os menino?

— É verdade, Isac — respondeu o Senhor Domingos. — E gritou: — Zé Pequeno! Alexandre! Só Deus poderá pagar a vocês, porque eu não tenho com que pagar...

— Vosmecê não nos deve nada... Nós já tamo pago com a amizade dos menino e de vosmecês — disse Alexandre.

— Seu Alexandre já falou por nós dois. Não há o que pagar.

— Meu pai — falou Alfredo — há muita gente ainda nos matos à procura dos meninos. Eu sugiro darmos uma salva de tiros como aviso...

— Sim, meu filho, cuide disto você. — E, voltando-se para os dois meninos: — Meus filhos, que foi isto que vocês nos fizeram?

— Meu pai — falou Ricardo — perdoe-nos em nome de todos. Mas nós não fizemos: aconteceu.

— Sim, fale.

— Nós tivemos a ideia de subir a Serra do Capitão, numa aventura de escoteiros. Subimos, e quando descíamos pelo lado de cá, nos perdemos...

— Misericórdia, meu Deus! — foi a exclamação que se ouviu; falou-a Dona Mariana.

— E como escaparam? Como puderam sobreviver? — perguntou o pai.

Ricardo contou tudo como pôde, deixando os pormenores, naturalmente, para mais tarde.

Maneca, levado por Pedro Damasceno, contava as mesmas proezas que tinham feito, a um outro grupo que se formara em torno dele para ouvi-lo.

Alfredo, que organizara a busca, em linhas gerais, observava que faltavam muitas pessoas, que a esta altura ainda não voltaram. Teve uma ideia: convidou todos que tinham espingarda e foi ele próprio com a sua, e prepararam-se.

Quando todos estavam a postos, comandou:

— Fogo!

Uma salva de mais de cinquenta tiros atroou os ares.

O efeito não se fez esperar: dentro de uma hora, mais ou menos, chegaram os que ainda estavam pelo campo.

A praça regurgitava de gente. Mais de cem pessoas se congratulavam com a família pela ventura de reaver os meninos.

Alfredo falou:

— Eu lhe disse, meu pai que os meninos se salvariam. Eles são escoteiros, e um dos ensinamentos do escotismo é este: como se sair vivo de uma floresta onde se está perdido.

— Eu sei, meu filho, mas o sertão é uma floresta traidora e cheia de perigos; eu temia muito. Mas Deus é Pai.

Dona Mariana levou-os para casa, para tomarem um banho e mudarem a roupa.

O povo na malhada, aos grupos, revivia as peripécias daqueles dias angustiosos.

— Nicolau! Damasceno! Alfredo! — chamou o Senhor Domingos — vou dar-lhes uma ordem que vocês se encarregarão de transmitir a todos: ninguém sairá da fazenda “Gravatá” antes de amanhã de tarde. É uma ordem minha, ditada pelo coração. Amanhã — repetiu — todos almoçarão aqui. Será uma maneira de demonstrar o meu agradecimento por tanto trabalho, por tanto sofrimento. Transmitam esta minha ordem a todos os que estão aqui.

— E onde vai dormir tanta gente, meu pai? — perguntou Alfredo.

— Já passamos duas noites sem dormir — respondeu o pai. — Esta é mais uma. Mas há três casas que cabem muita gente — as mulheres; nós nos arranharemos de qualquer maneira. A praça é grande, temos uma “casa- aberta” e muita varanda para armar redes... Nicolau, tenho uma ordem para você, depois. Alfredo, tenho outra ordem, também, para você. Onde estão Isac e João Manuel?

— Eles saíram, Seu Domingo.

— Já sei aonde foram... — deixou suspensa a frase.

Ele bem conhecia aqueles caboclos.

— Pessoal — falou o Senhor Domingos para a roda de pessoas que o cercavam — a

esta altura, com três dias sem comer, é grande a fome.

— Eu matei um carneiro hoje madrugada — disse Nicolau. — Tem carne aí.

— E tem muita carne de caça — acrescentou Alexandre, falando por si e por Zé Pequeno.

— Então vamos todos comer alguma coisa por hoje, que amanhã é comigo — concluiu o fazendeiro.

A multidão se dispersou. Nicolau, Aurélio, Alfredo e Damasceno orientavam e distribuíam o que comer. Alexandre e Zé Pequeno puseram à disposição de todos suas caças.

— Nicolau — ordenou o Senhor Domingos — amanhã você escolha um garrote gordo para um churrasco. É a ordem que eu tinha para lhe dar.

— Sim senhor. Já sei qual é.

— Alfredo, sua ordem é outra: amanhã cedo pegue o jipe e vá comprar bebidas por aí. Traga o que achar: bebida forte para os homens e refrigerantes para as mulheres e os menores.

A volta dos meninos trouxe vida à família, à fazenda, a todos.

O Senhor Domingos, Dona Mariana e os filhos puderam reunir-se então à mesa, o que não faziam há três dias.

Do jantar participaram Zé Pequeno, Alexandre e Damasceno. Diversas mulheres também jantaram em casa do fazendeiro. As outras pessoas, mais de cem, fizeram refeição nas casas de Nicolau e Aurélio ou na “praça”, à luz da fogueira.

Os pais ditosos não se cansavam de abraçar e beijar os dois meninos que eram também disputados pelos irmãos e por todos aqueles que ajudaram a procurá-los.

Mas os dois estavam muito cansados. Seus corpos, depois de tantas angústias por que passaram, depois de duas noites passadas em copas de árvores, só pediam uma boa cama. Foi o que lhes deram.

Zé Dias veio armar sua rede na “casa-aberta”, onde muitos outros, em redes ou esteiras, vieram dormir aquela noite de felicidade geral.

Quando o silêncio e o movimento na malhada cessaram, ouviu-se o som melodioso de uma “gaita” artisticamente soprada.

Era Zé Dias.

Aquele vaqueiro, além das qualidades de homem do campo, acostumado como poucos à labuta de gado, campeador de fama, era também um artista. Tinha ouvido extraordinário para música, e o seu instrumento era um “realejo” de soprar, em que ele era exímio.

Deitado em sua rede, ele tocava.

A melodia sonora encheu a noite sertaneja, levada pela brisa.

A música parecia fazer mais profundo o silêncio na fazenda “Gravatá”. Ninguém se mexia em sua rede. Ninguém se mexia em sua esteira. Por toda a “casa-aberta” e ao longo de toda a “praça” era completo o silêncio: parecia que todos bebiam, nota por nota a melodia sentimental do sonoro instrumento de Zé Dias. A brisa cessou de soprar e no céu as estrelas pareciam piscar a medo, para não perturbar aquele concerto admirável.

Alta madrugada a música deixou de ser ouvida: o vaqueiro-artista dormiu.

UMA PASSAGEM BÍBLICA

la alta a madrugada.

Os galos já cantaram a primeira vez.

O Senhor Domingos tinha armado uma rede na varanda da casa, em frente à porta principal, e ali dormia.

Deixou o aconchego do interior da casa para a esposa, as filhas e as esposas de diversos daqueles que o ajudaram a encontrar os dois meninos. Quis, deste modo, participar, com os demais homens, daquela dormida de acampamento, no desconforto e ao relento.

Na “casa-aberta” havia redes armadas em todos os sentidos, e não havia esteio donde não partissem pelo menos duas cordas. No chão, as esteiras e mantas eram incontáveis.

A casa dormira aberta.

Na casa de Aurélio, a mesma disposição fora observada: as mulheres no interior e os homens do lado de fora.

Nicolau fez outro tanto: e em ambas as casas também as portas não se fecharam.

O Senhor Domingos se levantou e permaneceu sentado na rede, olhando a “praça”.

As labaredas da fogueira tinham baixado, extinguindo-se. Só um brasido imenso restava, donde se elevava um tênue fumo.

O céu era aclarado pelas miríades de estrelas que piscavam sem cessar. Entre elas o Cruzeiro do Sul, abençoando aquela família, aquela gente, aquele sertão.

A lua apareceu pálida, fria, por trás da casa e iluminou as serras. Em breve sua luz desceu e clareou a “praça”.

A malhada era um verdadeiro acampamento. Estava coalhada de gente. Os vaqueiros, estirados pelo chão, recostaram a cabeça na sela que montaram e dormiam tranquilos; os caçadores fizeram das capangas travesseiros e também descansavam na mais profunda paz.

O Senhor Domingos, agora de pé, contemplava toda aquela gente e avaliava a grandeza de alma e a abnegação e amizade daqueles sertanejos. Pôde, então, calcular a dívida a que se sentia obrigado, perante tanta e tão boa gente, que sofreu com ele na maior dor, e agora com ele vibrava na maior alegria.

Os galos cantaram segunda vez.

Lá perto da casa de Nicolau, um vulto se ergueu. Daí a pouco outro e mais outro. Encaminharam-se os três para o fundo da casa, passando pelo curral.

O sol não pega o sertanejo na cama. Um a um os homens que dormiam na malhada foram-se erguendo. Também os que povoavam a “casa-aberta” e as varandas das casas foram-se erguendo de suas redes e desarmando-as.

Dentro de meia hora já ninguém dormia senão no interior das casas, as mulheres e as crianças.

O galo cantou terceira vez e amiudou o canto.

Pedro Damasceno avivou a fogueira, lançando sobre as brasas uma porção de lenha.

Muitos se achegaram ao calor do fogo, bocejando e estirando os membros do torpor da noite mal dormida.

Dentro das casas as mulheres preparavam café.

Isac e João Manuel chegaram ao centro da malhada, junto à fogueira. Traziam nas mãos uns volumes que depuseram no chão.

— Que é isto, Isac? — perguntou o Senhor Domingos.

— Nós fomo buscar mode alegrar os menino...

— Não precisava este sacrifício de vocês, homem. Seu João Manuel, não havia necessidade disto...

— Mas nós tem prazer com isso, patrão.

O Senhor Domingos suspendeu do chão um daqueles volumes. Era um tatu. Mais quatro havia no chão.

— Cinco tatus! — exclamou. — Que grandeza!

Quando o sol apontou, Nicolau e Aurélio acabavam de tirar o couro de um garrote — um vitelo gordo.

Alfredo, apenas tomou um café, pegou o jipe e se fez na estrada. Lá pelas nove horas chegou trazendo as bebidas: cerveja, uísque, cachaça, refrigerante, vinho.

O trabalho, na malhada, era intenso: uns fabricavam espetos, outros cortavam carne em postas, outros mais salgavam a carne em grandes caldeirões. Pedro Damasceno e Manuel da Boa-Vista cavaram uma vala de dois palmos de fundura por três de largura e alguns metros de comprimento. Com a ajuda de pás, transportaram para dentro da vala todo o brasido da fogueira. Estenderam depois dois paus compridos ao longo da vala, de um e outro lado e pronto. Sobre estes paus montaram os espetos, e em breve o churrasco começou a fumar e a cheirar.

O Senhor Domingos lembrou-se do final da parábola do filho pródigo. Relembrou essa história à esposa e aos filhos e concluiu com as palavras do evangelista: “trazei um vitelo gordo, matai-o, comamos e banquetemo-nos, porque estes meus filhos estavam mortos e reviveram”.

O plural se explica.

Pelas dez horas, mais ou menos, começou o festim, que se prolongou até as primeiras horas da tarde.

Comeu-se churrasco e bebeu-se o que se quis, enquanto se pôde.

Mais ou menos uma banda do vitelo foi consumida no churrasco. A outra foi dividida pelas famílias dos participantes daqueles acontecimentos.

Pelas três ou quatro horas da tarde a multidão se dispersou. Saíram todos quase de uma vez, em quatro direções, em busca de suas casas.

Lágrimas de felicidade brilharam nos olhos de muitos. Lágrimas de reconhecimento umedeceram o semblante dos membros da família.

Todos fizeram questão de se despedir da família. Mas, sobretudo, todos queriam abraçar os dois meninos.

EPÍLOGO

Depois que todos saíram, a malhada ficou quase deserta. Apenas três vultos se iam, vindo da casa de Nicolau para a do fazendeiro.

Pedro Damasceno vinha na frente, seguido de Zé Pequeno e Alexandre. Trazia qualquer coisa enrolada debaixo do braço.

Chegaram, e Pedro desenrolou, ante os olhos de todos, o couro da onça, abatida na serra. Espichado como estava, era quase da altura dele.

— Eu não sei falar pra vosemecês. Isto aqui é um presente que nós queremos dar pra os dois menino: Zé Pequeno, Alexandre e eu. E mais uma recomendação: toda vez que vosemecês "olhar pra esse couro, se lembre do que passaram e do perigo que correram; não torne a outra. Vosemecês maltrataram demais seus pais, seus irmão e seus amigo. Não façam mais isso.

E o vaqueiro-gigante passou a mão espalmada nos olhos, donde saltaram duas lágrimas.

— Obrigado a vocês pelo presente. Pedro, não preciso acrescentar nada a suas palavras — disse entre lágrimas, o Senhor Domingos.

A mãe, Alfredo, as irmãs e os dois caçadores acompanharam o pranto do fazendeiro e

do vaqueiro.

Pedro Damasceno, mais uma vez, tomou nos braços os dois pequenos escoteiros, voltou-se para as serras e perguntou-lhes:

— Vocês sabem como é o nome daquela serra que fica entre a Serra do Capitão e a Serra do Gravatá?

— Serra do Meio! — respondeu, exclamando, Maneca.

— Errou. O povo já mudou o nome — disse Damasceno. — Todo mundo só chama agora “Serra dos Dois Menino”.

FIM